

TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano XX, número 58, Maio-Agosto/2007



ISSN - 0103-5576

ACOLHIDA & HOSPITALIDADE
Cultura e Sociedade

TRAVESSIA

Revista do Migrante

CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J.B.Scalabrini)

Publicação quadrimestral, voltada ao estudo e divulgação da realidade do migrante a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, econômico, educacional, cultural, etc.

Diretor

Sidnei Marco Dornelas

Editor

Dirceu Cutti

Jornalista Responsável

Antonio Garcia Peres (MtB 3081)

Conselho Editorial

Alfredo J. Gonçalves
Carlos B. Vainer
Dulce Baptista
Francisco Nunes
Heinz Dieter Heidemann
Helion Póvoa Neto
José G. Baccarin
José Guilherme C. Magnani
José J. Gebara
Luiz Bassegio
Marilda A. Menezes
Odair da Cruz Paiva
Oscar R. López Maldonado
Oswaldo M.S. Truzzi
Sidney A. da Silva

Conselho Consultivo

Cláudio Ambrozio
Edgard Malagodi
Ermínia Maricato
Marília P. Sposito
Milton Schwantes

Capa

Foto: Dirceu Cutti

Arte: 2M Criação e Produção Gráfica Ltda

Editoração Eletrônica

Dirceu Cutti

Impressão

Maxprint Editora e Gráfica Ltda - Fone:(11)4815.4331

Endereço para Correspondência

Rua Vasco Pereira, 55 - Liberdade
01514-030 São Paulo/SP - Brasil
Fone/Fax: (0xx11)3208.6227
cemsp@uol.com.br
www.cemsp.com.br

ÍNDICE

"SPAZIO IL BENVENUTO"

A REUNIFICAÇÃO FAMILIAR COMO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

Mara Tognetti Bordogna

Giuseppe Viola

Luisa Zanetti.....5

METECOS CONTEMPORÂNEOS

HOSPITALIDADE, POLÍTICA E SUBJETIVIDADE NA GRÉCIA ANTIGA E NO MUNDO GLOBALIZADO

Fábio Augusto Morales Soares.....13

DA ACOLHIDA SOLIDÁRIA À HOSPITALIDADE COMERCIALIZADA O TURISMO NA CHAPADA DIAMANTINO

Francisco Emanuel Matos Brito.....19

MIGRANTES EM JARAGUÁ DO SUL (SC)

NOVOS "CARREROS" A SEREM PERCORRIDOS E A TESSITURA DO "FIO DE ARIADNE"

Ancelmo Schörner.....25

PRIMEIRA IMPRESSÃO

O RIO DE JANEIRO VISTO POR QUEM NELE CHEGOU DE NAVIO

Zoy Anastassakis.....31

HOSPITALIDADE A QUALQUER HORA, HOSPITALIDADE A QUALQUER TEMPO

Dolly Khouri

Marielys Siqueira Bueno.....37

RECEBER E INCORPORAR O DIFERENTE

O tema da acolhida e da hospitalidade no mundo da mobilidade humana é extremamente fértil. Atualmente, com o crescente deslocamento de grupos sociais diferenciados, ele vem se desdobrando num arco amplo de temáticas, que variam conforme as diferentes situações criadas pela migração. Arriscaríamos dizer que o tema da hospitalidade por si só, tão velho como a humanidade, impulsionado pela mobilidade atual, coloca a questão sobre o que realmente distingue o "humano", entre aquele que está inserido num grupo social e aquele "estranho" que chega ou convive em seu meio. Assim, a hospitalidade, como um tema antropológico visceral, possui ecos bíblicos, como podemos verificar no número anterior da Travessia, e toca de maneira especial no interior das pastorais da Igreja Católica, em particular a Pastoral do Migrante.

Neste número da Travessia, o leque das temáticas associadas à hospitalidade e acolhida do migrante se amplia ainda mais. Diz respeito em primeiro lugar às muitas formas como o migrante vivencia a acolhida individualmente e através de suas redes de sociabilidade. O modo como o migrante percebe pela primeira vez a terra que o acolhe é o tema explorado por Zoy, através dos depoimentos dos velhos imigrantes que chegaram no início do século XX ao Rio de Janeiro. A ressocialização dos migrantes, através de suas redes, por outro lado, é o tema de Ancelmo. Ele demonstra como os mecanismos e rituais de acolhida dos migrantes antigos já instalados, permitem a inserção dos novos migrantes, em geral seus familiares, em Jaraguá do Sul. Assim, a acolhida e a hospitalidade se tornam um valor essencial entre os migrantes, expresso em rituais que perduram com os anos e as gerações, através, por exemplo, da maneira de se receber à mesa "a qualquer hora", entre os imigrantes libaneses, como nos mostram Dolly e Marielys.

No entanto, o interesse sobre a acolhida e a hospitalidade se amplia ainda mais, na medida que ganha repercussões econômicas e políticas no contexto da globalização. Dessa forma é que se pode entender a reivindicação por políticas públicas que venha suplementar e apoiar socialmente o papel exercido pelas redes. É este o pano de fundo da questão da "reunificação familiar" na Europa, que vem demandando e motivando experiências como a do "Spazio il benvenuto", estudado por Luisa, Mara e Giuseppe, como um exemplo de associação que cumpre uma função pública de facilitar a integração dos migrantes na Itália. A questão da acolhida é também fundamental no desenvolvimento do turismo, como um próspero nicho econômico, com impactos nas relações sociais e culturais de todos os envolvidos. Francisco reflete sobre os impactos produzidos pelo turismo ecológico nas localidades da Chapada Diamantina.

Enfim, como tema antropológico que repercute em todas as dimensões da sociedade atual, com sua complexa realidade migratória, a questão da hospitalidade e da acolhida se impõe de maneira cada vez mais incisiva sobre o modo como conceber atualmente a democracia. Assim, retomando o contexto original da experiência da democracia na Grécia antiga, Fábio traz elementos que instigam uma discussão mais ampla sobre o significado político da acolhida dos migrantes no cotidiano. Aponta para um debate sobre uma cultura política suscetível de transformar os conceitos formais e rígidos que regulam a prática política do Estado-Nação, e suas leis restritivas em relação aos migrantes.

Sídnei Marco Dornelas

TRAVESSIA - NÚMEROS PUBLICADOS

- | | |
|--|--|
| 01 - Sazonais | 31 - Festa: |
| 02 - Cidade | 32 - Memória |
| 03 - Fronteira Agrícola | 33 - Mercosul |
| 04 - Violência | 34 - Associações |
| 05 - Voto | 35 - Gerações na Migração |
| 06 - Barragens | Nº Especial - O Retorno (Sayad) |
| 07 - Cultura | 36 - Um Olhar Retrospectivo |
| 08 - Trabalho | 37 - Refugiados |
| 09 - Família | 38 - Bairros e Vizinhanças |
| 10 - Religião e Religiosidades | 39 - Assentamentos |
| 11 - Estrangeiros | 40 - Redes |
| 12 - Educação | 41 - Migração Laboral |
| 13 - Pena de Morte | 42 - Linguagens e Símbolos |
| 14 - Migrar e Morar | 43 - Imprensa & Literatura |
| 15 - Tempo e Espaço | 44 - Etnias |
| 16 - Desemprego e Subemprego | 45 - Mobilidade & Flexibilidade |
| 17 - Imagens | 46 - Sagrado |
| 18 - Novas Tecnologias | 47 - Cotidiano |
| 19 - Identidades | 48 - Fronteiras |
| 20 - Saúde | 49 - Narrativas |
| 21 - Emigração | 50 - Políticas Públicas |
| 22 - Retorno | 51 - Preconceitos |
| 23 - MetrÓpole | 52 - Legado de Scalabrini |
| 24 - Índios e Territórios | 53 - Implicações Psicológicas |
| 25 - Deslocamentos Compulsórios
& Restrições à Migração | 54 - Espaço Urbano |
| 26 - Mulher Migrante | 55 - Brasileiros no Exterior |
| 27 - Nomadismos | 56 - Alteridades |
| 28 - Meio Ambiente | 57 - Acolhida & Hospitalidade
Bíblia e Pastoral |
| 29 - Albergue | 58 - Acolhida & Hospitalidade
Cultura e Sociedade |
| 30 - Clandestinidade | |

*É possível montar a coleção e adquirir números avulsos**

(* Números 8, 10 e 12 só disponíveis para coleção)

Forma de Pagamento

Depósito nominal à Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos; Bradesco; Ag. Tabatinguera nº 0515-0; c/c nº 23083-9 com envio de cópia do comprovante ou Cheque nominal à Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos.

Valor da Assinatura

- () Ass. válida por 1 ano..... R\$ 20,00
() Ass. válida por 2 anos..... R\$ 30,00
() Ass. válida por 3 anos..... R\$ 40,00
() Exterior (1 ano)..... US\$ 20,00

Rua Vasco Pereira, 55 Liberdade CEP: 01514-030 São Paulo/SP - Brasil

Fone/Fax: (0xx11)3208.6227

cemsp@uol.com.br

www.cemsp.com.br

“SPAZIO IL BENVENUTO”

A REUNIFICAÇÃO FAMILIAR COMO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

Mara Tognetti Bordogna *

Giuseppe Viola **

Luisa Zanetti ***

(Tradução: Oscar R. López Maldonado)

PREMISSA

A população estrangeira com permanência legal na Itália até 1º de janeiro de 2005, segundo os dados Istat (*Istituto Nazionale di Statistica*), era de 2,7 milhões. O aumento verificou-se, principalmente, logo após a regularização efetuada no ano de 2002 com as Leis 189 e 222 (Ismu, 2006). Atualmente, o número de estrangeiros residentes na Lombardia oscila entre 766 mil e 813 mil. Com relação ao estado civil, a maioria destes são casados, o que equivale a 58,6% da população imigrante (*Osservatorio Regionale per l'integrazione e la multietnicità*, 2006).

É interessante observar que a migração na Itália, de um fenômeno extemporâneo e individual dos primeiros anos da década de 1970, transformou-se num fenômeno estrutural, com características sempre mais estáveis (de população), devido justamente à presença da família na migração

(Tognetti Bordogna, 2004). É melhor, porém, falarmos de ‘famílias’, no plural, porque são diversas as formas de ‘fazer’ e ‘ser’ família na migração.

As pesquisas nacionais e internacionais demonstram e confirmam o papel central que a família desempenha no projeto e na estratégia migratória do indivíduo (Dumon, 1993; Cesareo, 1993; Tognetti Bordogna, 1995, 1997, 2005), na escolha de migrar e sobre a pessoa da família que deve e pode partir.

A migração, por sua vez, incide sobre as formas e modalidades de constituir e reunificar a família; dados recentes evidenciam que, se a migração acontece antes da efetivação da união, a reunificação realiza-se, em média, cinco anos após; caso contrário, este tempo é reduzido em quase dois anos.

A decisão de migrar pesa sobre a constituição da nova família visto que, quem migrou, provavelmente, precisa de um tempo maior para se situar economicamente. Por outro lado, não se deve

menosprezar o fato de que quem migrou é, e pode ser, mais atraente para o matrimônio.

As pesquisas confirmam em que medida a família pode ser um meio importante para enfrentar as dificuldades e os traumas que acompanham a migração, mitigando ou absorvendo os seus efeitos.

É propriamente o estudo das famílias na migração que permite compreender a fundo a evolução dos fenômenos migratórios, seja na sua dimensão individual quanto coletiva.

A família que sustenta ou promove o projeto migratório pode ser guiada, na sua escolha, pelo desejo de alargar as oportunidades do clã e do núcleo familiar, quer sob o ponto de vista econômico, quer cultural.

Esta assume um peso relevante, seja na definição do projeto migratório inicial, seja nas sucessivas modificações de duração e de evolução.

Cada integrante assume um papel

específico com relação à decisão de migrar: há quem parte para criar novas condições econômicas no lugar de destino ou para colocar as bases para uma imigração familiar; há quem permanece na sua pátria a fim de amparar os eventuais filhos ou pessoas com deficiência, mantendo e consolidando os vínculos parentais e de amizade, administrando os recursos econômicos que, periodicamente, são enviados por quem partiu.

A família constitui-se no principal destinatário das remessas efetuadas, é ela quem se encarrega, entre outras coisas, dos cuidados para com os filhos, de todos ou de alguns, caso não tenham podido partir com os pais, ou com um dos genitores migrante.

O processo migratório, além de valer-se do suporte direto ou indireto, simbólico ou real da família, contribui para modificar a configuração da mesma.

Na migração, a família está sujeita a mudanças toda vez que se modificam os papéis e as funções dos componentes após a migração, mas também em virtude de mudanças que interessam aos sistemas sociais dos países de partida e de chegada.

A família reunificada representa uma das tipologias da família da migração (Tognetti Bordogna, 2005). Geralmente, a reunificação familiar é uma instância prevista para as famílias estrangeiras a fim de que possam se recompor como núcleo familiar no país de imigração. É o único modo, além do trabalho, de entrar legalmente no país de acolhida. Todavia, os trâmites para a obtenção do *nulla osta* visando a reunificação familiar, além de complexos, demandam muito tempo (Zanetti, 2004).

Existe, porém, à disposição das famílias, um outro instrumento que passa despercebido na maior parte das análises feitas, mas que deve ser incluído, em algumas situações, entre as práticas da reunificação familiar: trata-se do "Decreto Fluxo". Através deste instrumento de quotas, incerto,

com resultados duvidosos e de difícil utilização, muitos imigrantes presentes sobre o território regularizam situações, fazem chegar os pais, irmãos, irmãs, sobrinhos e filhos maiores de idade, sem ter que pagar o terrível preço do "tráfico de seres humanos" que é a imigração clandestina.

Ao falarmos de "famílias plurais", a possibilidade de fazer chegar outras pessoas que não pertencem às categorias anunciadas na legislação vigente, significa recompor uma parte do "clã familiar", que conduz a um processo de alargamento do núcleo familiar, de subsidiaridade com relação também aos deveres paternos e de enraizamento no tecido social local. A reunificação familiar foi introduzida para favorecer a estabilidade dos fluxos migratórios e, particularmente, para favorecer a articulação dos migrantes no novo contexto.

Formar família ou recompor a própria família acarreta um grande investimento, tanto no plano econômico, quanto no relacional, porém, tal opção também comporta conseqüências positivas ao favorecer e desencadear o processo de cidadania na nova realidade social.

AS DINÂMICAS DA REUNIFICAÇÃO FAMILIAR

O instituto da reunificação familiar tem como característica intrínseca o fato de ser um processo complexo e atormentado. Entretanto, no momento em que se decide utilizá-lo, constitui uma vantagem para os indivíduos que migram, bem como para a sociedade que os acolhe (Tognetti Bordogna, 2004).

Não obstante, podem ocorrer alguns momentos críticos durante o percurso da reunificação, que se não forem encarados adequadamente, com o transcorrer do tempo, podem provocar a desarticulação da própria família ou desencadear uma

profunda crise. Entre as dificuldades que a família reunificada pode encontrar, mencionamos, aqui, algumas de caráter econômico, outras de tipo relacional-psicológico e, outras ainda, relacionadas ao não reconhecimento dos recursos do *welfare* (estado do bem-estar social).

A casa e a renda

O problema principal que atua como catalisador de todas as preocupações e anseios da família na migração é o trabalho e, portanto, a renda e a habitação.

O dinheiro antes enviado aos membros da família que permaneceram no país de origem, agora já não é suficiente para manter o(os) novo(os) chegado(os), em decorrência do aumento e da diversificação do consumo, além do que, justamente para poder efetuar a reunificação, podem ter sido contraídas dívidas que agora necessitam ser quitadas. O contrato de aluguel para um apartamento que esteja em conformidade com as Leis Regionais da habitação, por exemplo, torna-se mais caro - especialmente no norte da Itália - exatamente onde se encontra a maior concentração de famílias reunificadas, assim como um eventual empréstimo para a aquisição da moradia, necessária justamente para poder efetuar a reunificação. Em alguns casos, constatam-se também atitudes discriminatórias por parte de quem possui um apartamento para alugar, negando-se a efetuar contratos de locação com determinadas pessoas pertencentes a algumas nacionalidades consideradas "não confiáveis". As Leis Regionais da habitação determinam os parâmetros entre os quais uma casa ou um apartamento, dependendo da metragem ou do número de cômodos, podem ser habitados por um determinado número de pessoas, sejam elas da mesma família ou não.

As despesas com alimentação e vestuário dos familiares duplicam ou triplicam os gastos mensais. Todos estes fatores contribuem para enfraquecer a

renda familiar e as pessoas recém-chegadas não podem (se forem menores), ou não conseguem ainda, contribuir para incrementá-la.

O tempo da separação e a relação entre quem reunificou e os recém-chegados

O momento da reunificação pode acontecer num período de poucos anos (2 ou 3), ou alongar-se no tempo. Neste caso, para superar a separação, entre os diversos membros, pode ocorrer a idealização da relação entre o casal, ou da criança em relação aos pais, a idealização do lugar onde vivem ou, até mesmo, das possibilidades de realização dos próprios sonhos.

Os pais que se encontram na Itália e têm confiado os próprios filhos a parentes e/ou amigos perdem o 'contato real' com os mesmos; continuam a imaginá-los no estágio em que os deixaram e acreditam poder recuperar a própria imagem de pais em pouco tempo; acreditam poder transmitir-lhes rapidamente o próprio modo de conceber o mundo, sem dar-se conta que eles mesmos mudaram pelo fato de estarem na Itália e que os filhos, também se educados pelos próprios avós ou parentes, não o foram como eles, porque também no país de origem as coisas mudaram.

Se após a sua chegada a criança encontra novos irmãos, a mãe ou pai com novo(a) companheiro(a), ou pais que trabalham o dia todo deixando-a sozinha, o desenraizamento espaço-temporal transforma-se também em desenraizamento afetivo.

Cada processo migratório é um processo de transformação e de ruptura com o passado e, mesmo para quem o desejou, nem sempre é totalmente governável. As variáveis que se encontram na chegada e que não dependem de quem tomou esta estrada podem facilmente levar a situações indesejadas, mudanças nem sempre compreensíveis e administráveis.

A participação no projeto migratório

Com o passar do tempo, a família reunificada se transforma para administrar o impacto do percurso migratório. A pessoa que sofre com mais intensidade as diversas transformações é aquela que já estava trabalhando na Itália. Criam-se "modelos mesclados de cultura familiar" com aspectos da cultura do país de origem e aspectos da cultura familiar local. Quase sempre os aspectos que são tomados como modelo baseiam-se sobre estereótipos da própria cultura ou daquela local. Muitas vezes estas transformações são impostas aos membros do núcleo familiar, outras são inevitáveis. Pode acontecer que o projeto migratório já não esteja sendo compartilhado, ao menos momentaneamente, e, neste caso, as rupturas no interior do núcleo familiar são inevitáveis. As famílias que não possuem instrumentos adequados para poder superar o momento de crise tornam-se vulneráveis e as conseqüências recaem quase sempre sobre os filhos do casal.

A sobreposição dos problemas

Os problemas sócio-econômicos somam-se àqueles psico-emotivos. Também estes últimos desempenham um importante papel. O isolamento dos recém-chegados, a solidão, o sentimento da não-pertença e de perda, a realidade diversa daquela imaginada ou idealizada em relação ao futuro, a falta de autonomia, o desenraizamento, a alteração espaço-temporal e/ou emotiva, tudo contribui para tornar oneroso este fato social total. Passada a fase inicial da euforia, ligada ao fato do reencontro, é chegado o momento de repensar a vida e fazer um balanço.

A escola como recurso para as famílias reunificadas

O primeiro serviço ao qual recorre uma família que fez a reunificação de um menor é a escola. Este é o primeiro serviço na Itália que se oferece com

uma série de instrumentos para acolher essas crianças e jovens, que estão enfrentando as dificuldades da experiência migratória e que devem elaborar um projeto migratório muitas vezes imposto e não partilhado com a família.

A escola representa a oportunidade educativa, mas também o lugar seguro ao qual as famílias confiam os próprios filhos para poderem desenvolver as suas indispensáveis atividades laborais, fundamentais para a manutenção do núcleo familiar. A escola italiana, porém, exige a participação dos pais no projeto educativo. Muitos imigrantes não o sabem e/ou não o entendem, e consideram isso um sinal de debilidade do próprio sistema, enquanto outros pretendiam uma participação ainda mais colegiada. Muitos não possuem os instrumentos para poderem interagir com a instituição escola. Assim sendo, a escola deixa de ser compreendida como recurso adequado e útil no novo processo de socialização.

Quando a reunificação envolve filhos adolescentes, o impacto com a escola superior - que apresenta características muito distintas daquelas do país de origem - provoca muitos problemas relativos ao abandono escolar e à desvalorização de si e das próprias capacidades, até então consideradas adequadas à própria idade e escolarização.

Os serviços sociais

A função dos serviços sociais é a de prestar uma ajuda. Entretanto, isso nem sempre é assim percebido e, com frequência, até mesmo por parte da população local. Para as pessoas imigradas que se deparam com problemas econômicos e/ou de relacionamento no interior do próprio grupo familiar, a desconfiança para com os serviços sociais está relacionada com o medo da separação dos próprios filhos e com o medo de não corresponderem ao modelo

e às expectativas dos serviços sociais que muitas vezes têm como referência a “família italiana”. As incompreensões que podem surgir, neste caso, geram ansiedade e stress, o que pode levar a uma utilização descontínua das oportunidades de ajuda do serviço, ou a um distanciamento do mesmo, justamente quando mais necessário (Zanetti, 2005).

A reunificação familiar apresenta-se, portanto, não como um mero ato burocrático, mas como um processo complexo, que exige uma atenção particular por parte de todos aqueles que, de diversos modos, dele tomam parte, seja como agentes dos serviços sociais, seja como agentes dos serviços educativos.

A reunificação familiar deve ser considerada como uma fase de reflexão no percurso migratório. Pela delicadeza e complexidade que envolve, deveria ser apoiada e acompanhada, mas, na maioria dos casos, é enfrentada na total solidão e isolamento (Zanetti, 2005). Pelas dinâmicas que se ativam, internas e externas à família, as reunificações familiares constituem os novos momentos críticos da migração, as novas necessidades.

Partindo destes pressupostos, e dos conhecimentos adquiridos no estudo do fenómeno, no âmbito dos projetos financiados pela lei nº 40 de 1998 (conhecida também como lei de setor, específica para o financiamento de projetos e ações a favor da população imigrada), elaboramos e colocamos em prática um projeto ágil, mas bem estruturado, em apoio às famílias reunificadas do território do Distrito 6 de Magenta, denominado “Spazio il Benvenuto”.

O Distrito 6, que integra a Província de Milão, região da Lombardia, é composto por 13 municípios e engloba os municípios de Arluno, Bareggio e Magenta (este último com maior número de habitantes), por onde circulam os imigrantes dos municípios limítrofes. O

projeto envolve as Prefeituras do Distrito 6 e o Escritório do Plano Social Zonal.

Bareggio dista cerca de 20 km de Milão e Magenta 40 km. O Distrito é servido por ônibus intermunicipais e pela linha de trem Milão-Novara. Os habitantes deste Distrito, estrangeiros e locais, trabalham seja nos vários municípios que o compõem, bem como em Milão ou Novara, este último pertencente à região do Piemonte.

Os Distritos são uma emanação da lei 328/2000 que reformulou os serviços sociais territoriais, reagrupando os municípios e instituindo os Planos Sociais Zonais, que têm a tarefa de dar as indicações relativas aos objetivos prioritários para aqueles municípios em relação às políticas sociais. O Terceiro Setor (Associações, Cooperativas, Fundações, etc. no profit) e o Quarto Setor (Associações de Voluntariado), contribuem para a realização desses objetivos através da subsidiariedade horizontal preconizada pela lei 328/2000. O Terceiro e o Quarto Setores trabalham também com os Escritórios dos Planos Sociais Zonais na individuação dos objetivos prioritários para o território e na projeção das ações que deverão ser levadas adiante. Através da rede territorial das Organizações presentes e ativas no território e do Escritório do Plano Social Zonal, são administradas, avaliadas e re-elaboradas as ações implementadas nos Planos Sociais Zonais publicados a cada dois ou três anos.

O PROJETO

O projeto “Spazio il Benvenuto” foi pensado como possível instrumento a ser aproveitado na prevenção das dificuldades que podem ocorrer após a decisão da família imigrante de efetuar a reunificação familiar. Sua finalidade principal consiste em dar suporte às famílias reunificadas, aos seus diversos membros, promovendo a articulação das mesmas no tecido social do território do Distrito 6 (Distrito de Magenta), bem

como formar e conscientizar os agentes locais acerca da importância de sustentar as famílias e os seus membros.

O projeto foi concebido como um recurso em rede, cuja operacionalização deve se dar de forma continuada.

Este projeto parte da percepção, fundada no trabalho desenvolvido durante anos com a população estrangeira, da importância de sustentar a família reunificada como possibilidade de bem-estar e de equilíbrio psico-físico.

O objetivo/necessidade que temos individualizado é aquele de oferecer a possibilidade a essas famílias de entrar em contato e saber utilizar melhor todos os serviços existentes no território do Distrito 6, mas também os serviços oferecidos fora deste Distrito, evitando promover um serviço meramente assistencialista e/ou burocrático, a fim de tornar as famílias imigrantes sempre mais autônomas, seja nas próprias decisões, seja na utilização do *welfare* local.

Em síntese, os objetivos aos quais o Projeto tende são: acompanhar as famílias na rede dos recursos; promover a integração dos estrangeiros e a tutela dos menores; favorecer o ingresso nas escolas dos recém-chegados; fornecer um quadro geral dos recursos presentes no território favorecendo um trabalho em rede; fornecer informações, orientação e acompanhamento no uso dos serviços no território; favorecer e garantir aos cidadãos estrangeiros a participação na vida social e o acesso aos serviços públicos; favorecer a autonomia do núcleo familiar recém-chegado; favorecer o conhecimento da lei italiana e, particularmente, da legislação italiana sobre o tema da imigração; dar relevo aos problemas emergentes mediante o monitoramento das famílias que efetuaram a reunificação nos últimos dois anos; acompanhar os agentes dos serviços nas eventuais responsabilidades junto aos núcleos familiares ou a indivíduos que estão enfrentando a experiência da reunificação familiar.

O projeto prevê, portanto, não somente o envolvimento dos diretamente interessados no processo da reunificação, mas de todos os agentes sociais e pessoas da comunidade.

Metodologia e instrumentos de trabalho

O projeto prevê, além da acolhida, assumida como responsabilidade, a atividade de formação e de supervisão dos agentes de rede; formação aberta a todas as Organizações e realidades interessadas e ativas sobre o território; a ativação da rede de serviços e dos recursos presentes no Distrito; o monitoramento e a atividade de pesquisa com relação às reunificações acontecidas nos últimos dois anos no âmbito do território que compete ao "Spazio il Benvenuto", mediante o intercâmbio de dados nas prefeituras, nas escolas, nos serviços sociais e mediante o levantamento de informações efetuadas diretamente nas instâncias do Projeto.

Durante a implantação do projeto foi iniciado um diálogo constante de colaboração e de intercâmbio com os serviços sociais dos municípios interessados e com as Organizações que trabalham e fazem projetos para os cidadãos estrangeiros, com os agentes e pessoas que participaram também de momentos de formação sobre os temas das questões ligadas às reunificações familiares.

Monitoramento das reunificações familiares

Pela complexidade, não apenas burocrática, que a reunificação familiar comporta, devido às múltiplas mudanças que determina, descritas anteriormente, torna-se essencial interligar a atividade de acompanhamento com uma atividade de monitoramento do andamento dos reunificados: quais dificuldades encontram as famílias? Quais possibilidades se abrem a partir da recomposição da família? Quais as

dificuldades que encontram os agentes que entram em contato com essas famílias? Justamente porque estamos na presença de uma dinâmica nova, cada serviço, cada atividade deve ser monitorada, assim como se faz nos três "Spazio il Benvenuto" desde sua implantação. Tal atividade foi cumprida através da utilização de instrumentos, fontes informativas e de dados de natureza diversa:

Prontuário: foi providenciado um questionário detalhado para os colóquios, do qual foi possível recolher informações qualitativas e fornecer um *feed back* dos êxitos obtidos aos diversos usuários. Particularmente, tal instrumento foi pensado para poder reunir todas as informações relativas aos componentes das famílias reunificadas ou não, as dinâmicas familiares transnacionais, bem como dados sócio-econômicos. Acreditamos que este instrumento precise de um aperfeiçoamento no futuro.

Ficha de atividade mensal: O acesso ao Espaço, independentemente do motivo, é registrado mediante uma ficha de atividade com a finalidade de individualizar e monitorar o andamento da utilização nos diversos "Spazi il Benvenuto".

Além destes instrumentos quantitativos e qualitativos, foi utilizado o método biográfico para *descrição de alguns casos típicos* com a finalidade de compreender melhor e de indagar sobre a complexidade da reunificação familiar.

O todo, obviamente, foi acompanhado pela observação dos dados de caráter nacional e regional. Em especial, procedeu-se na observação, para cada município do Distrito 6, dos dados relativos a:

* Número dos indivíduos reunificados registrados nos cartórios dos municípios nos anos 2002, 2003 e 2004;

* Número de autorizações à habitação (certidão de idoneidade habitacional)

fornecido pelos escritórios técnicos dos Municípios.

Esta atividade é a mais complexa e difícil de registrar e foi documentada de forma incompleta devido a motivos de diversas naturezas:

- as resistências dos aparelhos administrativos e burocráticos em fornecer informações e dados não rotineiros;

- a falta de conhecimento da nova atividade do "Spazio il Benvenuto" presente nos diversos municípios e o fato de que todos os municípios assinaram um protocolo direcionado para tal atividade;

- a ausência de uma "organização dos papéis" e do arquivamento das cópias das autorizações à habitação.

A administração do questionário para o colóquio revelou-se um tanto quanto complexa por diversas razões: o usuário chegava para o colóquio com o agente sempre com muita pressa porque, com frequência, usava do intervalo do trabalho ou da hora do almoço, quando trabalhava numa empresa; tratando-se de um indivíduo, em seu primeiro colóquio, o fato de estar respondendo a uma série de perguntas provocava, com frequência, uma reação de desconforto e as respostas tornavam-se muito reticentes.

Optou-se, então, pela utilização de um instrumento diferente para o primeiro contato com o estrangeiro: uma ficha para o colóquio, que permite, através da narração da história migratória, recolher as informações úteis e necessárias. Somente quando o agente do Espaço estabelece uma relação de confiança com o usuário é que se procede ao recolhimento dos demais dados constantes do questionário.

Além da aquisição dos dados sócio-demográficos relativos aos indivíduos, são adquiridas informações sobre a experiência migratória, as motivações da reunificação familiar, as eventuais dificuldades encontradas no período que transcorre entre o momento em que o indivíduo começa a colocar em prática a

idéia de reunir qualquer componente da família e o momento em que acede ao "Spazio il Benvenuto". Estes dados e informações são atualizados em cada encontro/colóquio. Como é fácil compreender, tais informações, além de serem úteis para a operacionalidade cotidiana, servem para descrever e compreender as complexas dinâmicas atinentes ao recurso da reunificação familiar.

A atividade de monitoramento está inserida como uma entre as prioridades individualizadas pela Região com a finalidade de acompanhar a evolução do fenômeno da imigração.

Como suporte às atividades informativas e de rede que os agentes do Espaço utilizavam nas relações com os nacionais e imigrantes, nos encontros dos agentes e com os serviços (escola, serviços sociais dos municípios, consultórios médicos, terceiro setor, etc.), foi providenciado um instrumento informativo de suporte: o *Caderno de Serviços e de Recursos* do território de competência, publicado em sete idiomas: albanês, árabe, francês, inglês, italiano, espanhol e romeno, distribuído junto aos Serviços Sociais dos municípios do Distrito 6, às escolas e outras organizações, presentes no território, que trabalham com os imigrantes.

O Projeto inovador do Distrito 6, aos poucos, durante o desenvolvimento das próprias atividades e no âmbito dos objetivos que foram pré-fixados, conseguiu envolver e colocar em rede as várias instâncias operacionais existentes e atrair um número sempre maior de usuários.

PRIMEIROS RESULTADOS E REFLEXÕES

Dentro do território da Província de Milão, a área da região de Magenta apresenta dinâmicas migratórias com forte crescimento, sobretudo por parte de

países não-europeus, com um desenvolvimento diferenciado no tempo e com relação a cada território. Os municípios que foram objeto de monitoramento são: Arluno, Bareggio, Boffalora Ticino, Casorezzo, Corbetta, Magenta, Marcallo con Casone, Mesero, Ossona, Robecco sul Naviglio, Santo Stefano Ticino, Sedriano e Vittuone.

Síntese da análise dos dados quantitativos

Nos treze municípios analisados, verificou-se que a população estrangeira apresentou um aumento constante. Por sua vez, os municípios de maior incidência foram: Magenta, Corbetta, Vittuone, Bareggio, Arluno (com o dobro de estrangeiros em relação aos outros municípios) e Sedriano, seguidos de Marcallo con Casone, Robecco e Ossona. O município de Vittuone, em particular, mostrou um incremento relevante da população estrangeira no período 2002/2003, que se manteve constante no ano seguinte. Em 2002, de fato, os estrangeiros regularmente registrados nos cartórios correspondiam a 3,2 % da população total, sendo que no período de dois anos tal percentual dobrou, chegando a 6,4%.

Com relação ao gênero, a relação entre homens e mulheres, praticamente equilibrada em 2002, sofreu uma constante e sempre mais substancial mudança a favor dos homens nos anos sucessivos, principalmente nos municípios de Magenta e Vittuone, comportamento em claro contraste com relação às tendências em nível nacional e regional.

O aumento da população estrangeira, principalmente masculina, nos municípios de Margenta e Vittuone, poderia relacionar-se ao fato de que estes dois municípios possuem mais opções de meios de transporte em conexão, principalmente, com a Capital da Lombardia; de fato, estes municípios são de fácil acesso seja para os ônibus

das linhas interurbanas como para o trem da linha Novara-Milão. Isto poderia ter determinado a "preferência" e a "concentração" de muitos operários imigrantes homens expulsos de Milão devido ao preço elevado do aluguel.

Da análise dos dados, constata-se a presença de uma população estrangeira jovem, com um número preponderante de pessoas entre 19 e 40 anos e uma quantidade relativamente alta de jovens menores de 18 anos.

Com relação às áreas de proveniência, os dados disponíveis mostram, na sua globalidade, uma evolução constante ao longo do triênio; os cidadãos provenientes dos países europeus apresentam a parcela mais elevada de estrangeiros, seguida pelos africanos, latino-americanos (estes em crescimento principalmente durante o biênio 2003-2004) e, finalmente, os asiáticos.

Especificamente, no que se refere ao município de Bareggio, a presença estrangeira cresceu de modo significativo entre 2002 e 2004: diferentemente dos outros municípios, no ano 2003, Bareggio viu duplicar a presença de latino-americanos (equatorianos e peruanos) em comparação com os cidadãos do continente africano. A presença de asiáticos neste contexto aumentou, surpreendentemente, ao longo dos três anos analisados, pondo-se em claro contraste com a evolução dos outros municípios. Os dados relativos às reunificações familiares mostram uma situação nada homogênea no interior do distrito de Magenta. Ao lado de municípios como Boffalora, Marcallo con Casone e Sedriano, que apresentam uma forte dinâmica dos percursos familiares, encontramos de fato municípios, como Bareggio, Magenta e Vittuone, que apresentam uma evolução não uniforme no decorrer do triênio. Estes últimos sofreram uma forte diminuição do número de reunificações familiares desde 2002 até 2003 para depois inverter totalmente a tendência

redobrando os pedidos no ano de 2004. Mesero foi o único município a apresentar uma constante diminuição de estrangeiros reunificados ao longo do triênio. Os pedidos de reunificação familiar em todos os municípios foram encaminhados, na maioria dos casos, por homens, com diferenças muito elevadas, como, por exemplo, no município de Vittuone, onde a relação homem-mulher no ano 2004 era de 1 para 12.

Quem solicitou a reunificação dos familiares no decorrer do ano de 2002, na maior parte dos casos, foram homens entre 19 e 40 anos. A análise dos dados relativos aos pedidos de reunificação familiar nos anos sucessivos mostra um incremento dos números de pedidos efetuados por pessoas com faixa etária entre 41 e 60 anos. Com relação à tipologia das reunificações, os dados disponíveis referem-se somente ao município de Vittuone, no qual os pedidos foram encaminhados, na maioria dos casos, por indivíduos do sexo masculino, com idade entre 30 e 50 anos. O familiar reunificado era representado, em quase todos os casos, pela mulher e/ou pelos filhos menores, enquanto que a reunificação de mães e irmãs representa ainda um número muito baixo. No decorrer dos três anos foram encaminhados somente quatro pedidos de reunificação de pais, dos quais três com mães.

Síntese da análise dos dados qualitativos

No decorrer dos primeiros nove meses de atividade, constatamos uma disparidade entre o número de usuários do "Spazio il Benvenuto" e o número dos que constam nas fichas dos colóquios que é bem inferior ao número total dos atendidos. Isso se explica porque muitas das pessoas que se dirigiram aos Espaços *il Benvenuto*, no decorrer do primeiro encontro colocaram como problema relevante aquele relacionado à burocracia deste ou daquele procedimento para a

obtenção da reunificação familiar ou da coesão familiar (instrumento utilizado por quem já está na Itália com Visto de Permanência válido, mas temporário, e quer convertê-lo em Visto de Permanência familiar). Posteriormente, os que decidiram encontrar-se novamente com os agentes, começaram a dialogar sobre os seus problemas de forma geral e, portanto, foi possível recolher informações, além dos meros dados pessoais.

Muitas das pessoas que passaram pelo "Spazio il Benvenuto" queriam apenas contar a sua história, outros queriam informações seguras sobre os passos que estavam seguindo para obter a reunificação familiar.

Com o passar do tempo e com o aumento do número de colóquios/encontros por parte dos indivíduos, alguns deles decidiram falar da sua vida e daquilo que os afligia no momento, suas dúvidas, suas perplexidades, dificuldades naquele momento do seu percurso migratório.

Das histórias de vida que recolhemos pode-se concluir que sobre o território vivem alguns imigrantes dotados de um capital cultural muito elevado, os quais, se valorizados nas suas capacidades e competências, poderiam transformar-se em mediadores do contato entre os cidadãos estrangeiros e as Instituições; de modo particular, referimo-nos aos latino-americanos que foram os nossos maiores usuários.

As mulheres são as protagonistas quando se observa o número de usuários por gênero que usufruíram do "Spazio il Benvenuto", mesmo que a quase totalidade dos pedidos de reunificação tenham sido feitos por homens. Isto pode ser explicado a partir de um maior "tempo livre" à disposição das mulheres, mas também porque são as mulheres aquelas que levam dentro de si as maiores contradições do percurso migratório e, portanto, elas têm maior necessidade de apoio. Noutras situações, elas são o arrimo familiar, as mães, as com-

panheiras, as educadoras, assumindo uma série de responsabilidades sem poder contar com uma estrutura familiar que as ajude e, muitas vezes, sem um marido/companheiro.

Seria útil, pensando particularmente no caso das mulheres, organizar um percurso orientado que facilitasse o desenvolvimento de grupos de mútua-ajuda, ou que pudesse desembocar num projeto de *Banco do Tempo*, ou em outras iniciativas administradas pelas mulheres imigrantes da comunidade.

A atividade do "Spazio il Benvenuto" evidencia, mais uma vez, como a reunificação familiar é um processo muito complexo, que requer formas de acompanhamento ao longo do tempo, porque as pessoas e as famílias precisam de um tempo para ganharem confiança nos agentes, antes de abrir-se e narrarem os seus sofrimentos e problemas.

Da análise de alguns casos emerge o quanto, além dos primeiros pedidos de informações de tipo burocrático ou administrativo, é necessário para quem decide pela reunificação, ter uma referência, um suporte, para interrogar-se, confrontar-se sobre os acontecimentos, verificar se aquilo que lhe está acontecendo é normal.

Podemos evidenciar que a idéia de criar um "Spazio il Benvenuto" responde a uma clara e real exigência dos sujeitos estrangeiros presentes no território do âmbito do Distrito 6.

Um dado interessante, entre outros, que exigirá ulterior verificação e confirmação, está ligado às proveniências dos sujeitos que realizam a reunificação familiar. Muitos indivíduos que compõem os últimos fluxos que ancoraram na Lombardia, e neste território em particular, (os provenientes do Equador, Peru e Ucrânia, este último de modo decrescente) valem-se da lei da reunificação familiar não como projeto migratório permanente, mas como um *modo regular de ingresso* em um país (Tognetti Bordogna, 2005), com conseqüências sobre as relações

familiares, que necessitam ainda ser pesquisadas.

CONCLUSÕES PROPOSITIVAS

A atividade desenvolvida no "Spazio il Benvenuto" e no seu território evidenciou como é forte, além da necessidade de informações, a necessidade de sustentação e de acompanhamento dos indivíduos e dos núcleos familiares que decidem empreender o complexo processo da reunificação familiar, que, recordamos, não tem somente um significado burocrático e administrativo, mas implica e exige dos indivíduos e das famílias uma nova postura, seja com relação ao aqui - País da acolhida - seja em relação ao que foi deixado para trás, mas, principalmente, no que diz respeito às relações internas à própria família.

Esta instituição fende e modifica os papéis da ordem familiar precedentes para ativar e instaurar novos, com características muitas vezes despercebidas por parte dos diversos membros do núcleo.

Emerge ainda a questão de que na base da instituição da reunificação familiar, não estejam somente estratégias de reagrupamento da família, mas também meras estratégias de migração regularizada.

Contudo, falta ainda muito por ser feito, seja no plano administrativo, assim como no que diz respeito à responsabilização e a tomada de consciência por parte daqueles que decidem experimentar este fato social total.

No decorrer dos encontros formativos e na fase de contato de outros serviços, seja para melhor assumir, como para a observação dos dados de monitoramento, também ficou claro como os agentes locais apresentam déficit de conhecimento da questão e como continuam considerando a reunificação

familiar como um mero ato administrativo, desvalorizando a complexa dinâmica que ela aciona.

Por outro lado, também ficou claro quanto são úteis as ações orientadas, as intervenções, as políticas integradas, justamente para melhor enfrentar as diversas dificuldades que a reunificação familiar pode apresentar.

* **Mara Tognetti Bordogna é Diretora Científica e Supervisora do Projeto "Spazio il Benvenuto", Profª Associada de Política da Imigração/Universidade de Milano-Bicocca.**

** **Giuseppe Viola é Diretor dos Serviços Sociais do Município de Bareggio.**

*** **Luisa Zanetti é formada em Sociologia pela USP, Coordenadora do "Spazio il Benvenuto" de Bareggio, Presidente da Associação A.ME.LIN.C. de Milão e responde pela Cooperativa Social A.ME.LIN.C. - O.N.L.U.S.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBROSINI, M.

(2000) "Gli immigrati nei mercati del lavoro: il ruolo delle reti sociali". *Stato e Mercato*, nº 60.

BIANCO M. L. & EVE, M.

(2000) "I due volti del capitale sociale. Il capitale sociale individuale nello studio delle disuguaglianze". In: E. MINGIONE, J. E. & LAVILLE, L. *La nuova sociologia economica*. Milano, Franco Angeli.

CARITAS DI ROMA

(1997/2005) *Immigrazione Dossier Statistico*. Roma, Anterem.

CESAREO, V.

(1993) "Famiglia e immigrazione: aspetti sociologici". In: *La famiglia in una società multi-etnica*. Milano, Vita e Pensiero.

DUMON, W.

(1993) "Famiglie e movimenti migratori". In: *Studi interdisciplinari sulla famiglia*, nº 12, pp. 27-53.

FAVARO, G.

(2001) "Da radici diverse. Famiglia mista e scelte educative". In: TOGNETTI BORDOGNA, M. (a cura di) *Legami familiari e immigrazione: I matrimoni misti*. Torino, L'Harmattan Italia.

ISMU

(2006) *Undicesimo Rapporto sulle migrazioni, 2005*. Milano, Ismu, p. 7ss.

OSSERVATORIO REGIONALE PER L'INTEGRAZIONE E LA MULTIETNICITÀ

(2006) "L'immigrazione straniera in Lombardia". *Rapporto 2005 Regione Lombardia*. Milano, Ismu, pp. 23-25.

TOGNETTI BORDOGNA, M.

(2001) "I ricongiungimenti familiari e la famiglia". In: ZINCONI, G. (a cura di). *Secondo rapporto sull'integrazione degli immigrati in Italia*. Bologna, Il Mulino, pp.453-508.

TOGNETTI BORDOGNA, M.

(2002) "La relazione tra immigrati e servizi socio sanitari: da servizi speciali a servizi per tutti". In: CAMPANINI, A. M. (a cura di), *Il servizio sociale nella società multiculturale*. Milano, Unicopli.

TOGNETTI BORDOGNA, M. (a cura di)

(2004) *Ricongiungere la famiglia altrove strategie percorsi modelli e forme dei ricongiungimenti familiari*. Milano, Franco Angeli.

TOGNETTI BORDOGNA, M.

(2005) "Struttura e strategie della famiglia immigrata." In: *La Rivista delle Politiche Sociali*, ottobre.

ZANETTI, L.

(2004) "I cambiamenti nella legislazione sui ricongiungimenti in alcuni paesi europei"- e "Casi emblematici". In: TOGNETTI BORDOGNA, M. (a cura di) *Ricongiungere la famiglia altrove strategie percorsi modelli e forme dei ricongiungimenti familiari*. Milano, Franco Angeli.

ZANETTI, L.

(2005) "Famiglie straniere e servizi sul territorio". In: MARAZZI, A. (a cura di). *Voci di famiglie immigrate*. Milano, Fondazione ISMU/Franco Angeli.

ZEHRAOUI, A. (trad. it.)

"La migrazione di popolamento". In: *Tra luoghi e generazioni*. Torino, L'Harmattan.

METECOS CONTEMPORÂNEOS

hospitalidade, política e subjetividade na Grécia antiga e no Mundo globalizado

Fábio Augusto Morales Soares *

Poucos hoje em dia diriam que, a despeito do slogan “nação dos imigrantes”, os Estados Unidos seria um país hospitaleiro: o muro com/contra o México é um argumento eloqüente. Igualmente poucos usariam o termo “hospitalidade” para definir o tratamento do governo francês dado aos imigrantes e descendentes de origem africana (especialmente argelinos) das periferias de Paris, os mesmos que o então ministro do Interior francês, Nicolas Sarkozy, se referiu certa vez como *racaille*, “escória” (Victor, 2005). Entre os Estados Unidos e a mãe, aliás, existem duas semelhanças aparentemente casuais: primeira, ambos os países já tiveram em suas pautas políticas a expulsão em massa de imigrantes; segunda, ambos os países, cada um a sua maneira, consideram-se como herdeiros legítimos da democracia como princípio político tal qual legada pela da cultura clássica, ou greco-romana¹. Estas semelhanças permitem, mesmo que casualmente, a questão: as práticas de restrição e repressão da imigração de França e Estados Unidos encontrariam algum paralelo no mundo antigo?

Se tomarmos como exemplo a cidade de Atenas, a resposta pode ser sim e não. Sim, se utilizarmos as leis de 450 a. C.,

atribuídas ao famoso político ateniense Péricles. Segundo estas leis, só seria cidadão ateniense aquele que fosse não apenas adulto, livre e nascido em Atenas, mas também era necessário ser filho de pai e mãe ateniense: em uma cidade em grande crescimento demográfico, isso significava que algumas milhares de pessoas perderiam imediatamente o direito de participar politicamente da cidade – ou seja, sim, Atenas era restritiva. Por outro lado, não era: um autor conhecido como Velho Oligarca escrevia, cerca de meio século depois das leis de Péricles, que Atenas, devido à sua democracia, concedia uma liberdade exagerada a todos, cidadãos ou não, tanto que se chegava ao absurdo (e daí se entende porque ele ficou conhecido como “Oligarca”) no qual um cidadão, diante de um estrangeiro ou de um escravo, não tem o “direito de neles bater” (Pseudo-Xenofonte, *Constituição dos atenienses*, I.10-12). E além disso, muitos estrangeiros que residiam em Atenas, os chamados metecos, contribuíram para o que chamamos de “cultura ateniense”: os pintores Zêuxis e Parrásios, o arquiteto Hipodamos, o historiador Heródoto, o filósofo Aristóteles, todos eram (ou foram boa parte de suas vidas) metecos atenienses.

Mas, elencar as práticas mais ou

menos restritivas tanto de Estados-nação contemporâneos (Estados Unidos e França) quanto de cidades antigas (Atenas) resolve a questão da hospitalidade ao estrangeiro? A tese central deste texto é que para se pensar tal questão é não somente necessário como também imperativo que se ouça a (ou, no caso da pesquisa histórica, se vasculhe o passado atrás da) voz daqueles que são objeto das políticas restritivas ou inclusivas dos governos que controlam o território de destino; em outras palavras, pensar dialeticamente tanto a objetividade quanto a subjetividade do migrante, tanto no mundo antigo quanto na contemporaneidade.

Este texto se propõe a pensar, portanto, a questão da hospitalidade ao estrangeiro em duas realidades históricas: de um lado, a cidade de Atenas no século V a. C.; de outro, os Estados-nação (particularmente Estados Unidos e mãe) na época da globalização. Para isto, está dividido em três partes: uma introdução à questão da hospitalidade ao estrangeiro na atualidade; a problematização da questão da hospitalidade ao estrangeiro na Atenas do século V a. C.; uma tentativa de comparação entre as duas realidades históricas.

De início, dois esclarecimentos se fazem necessários. Primeiro, sobre o lugar da questão aqui tratada: a questão da hospitalidade ao estrangeiro é aqui entendida como parte integrante da mais ampla “questão do estrangeiro”, que envolve processos históricos mais gerais, como a circulação de pessoas (atualmente, as “migrações nacionais e internacionais”), os regimes políticos, os sistemas econômicos, as tradições culturais etc: a questão da hospitalidade ao estrangeiro, em sua especificidade, é atravessada por estes processos mais gerais, ao mesmo tempo que diz respeito aos movimentos de (re)significação e (re)produção destes mesmos processos. Segundo, sobre a pertinência de uma comparação passado-presente: ora, a questão da hospitalidade ao estrangeiro está presente tanto na antiguidade quanto na atualidade, especialmente nos pólos de atração demográfica (Atenas, França, Estados Unidos), assim como a questão democrática (com sua constante e problemática referência atual à democracia antiga, ateniense); além disso, esta comparação, incomum nos estudos historiográficos que exibem o passado em sua pretensa “pureza” (livre, pois, dos problemas do presente), tem como objetivo básico a contribuição para (e conseqüente intervenção no) debate atual dos temas levantados no texto a partir das discussões realizadas no campo da História Antiga: não se trata, pois, de discriminar as semelhanças e as diferenças entre o passado e o presente, que são, aliás, historicamente variáveis – trata-se, isso sim, de conferir o conteúdo eminentemente político ao conhecimento histórico, tantas vezes envolto na opacidade da erudição crítica.

A QUESTÃO DO ESTRANGEIRO HOJE: LINHAS GERAIS

A relação dos Estados Nacionais contemporâneos com a “questão do

estrangeiro”, especialmente no caso estrangeiro residente, está longe de ser simples. Democracia, direitos humanos, soberania nacional, identidade, multiculturalismo, igualdade e diferença: tais temas são fundamentais no complexo jogo das contradições inerentes ao processo de migrações internacionais na época da globalização. Destas contradições, duas são de importância central para a questão da hospitalidade: primeiro, a contradição inclusão econômica / exclusão política; segundo, a contradição monólogo da gestão migratória pelos Estados de destino / diálogo das sociedades de destino com os movimentos sociais dos migrantes.

A primeira contradição pode ser expressa, em linhas gerais, nos seguintes termos: os Estados Nacionais, especialmente os considerados “desenvolvidos”, recebem mão-de-obra não-qualificada para preencher os cargos que a população nativa não está disposta a ocupar (por exemplo, tarefas ligadas à limpeza pública e privada), ao mesmo tempo que criam medidas restritivas à integração social e política dos imigrantes ilegais, excluindo-os tanto do processo decisório quanto dos benefícios das políticas públicas. O migrante ideal, neste sentido, seria aquele que contribui para o Estado de destino com seu trabalho e como recompensa tem tanto novas oportunidades de trajetória pessoal quanto pode enviar parte de seu sucesso ao seu país de origem na forma de “remessas” que, segundo análises otimistas do Banco Mundial, pode contribuir para a redução da pobreza mundial; em outros termos, o migrante ideal seria o objeto passivo face à políticas de gestão migratória segundo os interesses econômicos e geopolíticos dos Estados de destino (Patarra, 2006).

A questão do migrante como objeto nos leva à segunda contradição: face ao monólogo dos Estados de destino gestores, constroem-se no mundo contemporâneo diálogos mais amplos sobre o tema das migrações, nos quais

os migrantes se tornam sujeitos dos debates. Esta contradição objetificação / subjetivização dos migrantes pode assumir contornos explosivos, sendo que as revoltas urbanas da periferia de Paris no final de 2005, foram talvez o maior exemplo.

Enunciadas estas duas contradições, é preciso que não se restrinja a questão da hospitalidade a determinações seja de ordem política, seja de ordem econômica. Em primeiro lugar, o regime político não determina exclusivamente as relações do Estado de destino com o migrante: se, por um lado, os Estados Unidos, em sua atual “cruzada democrática” (Hansen, 1998), pode derrubar ditaduras em nome dos direitos humanos enquanto que pode democraticamente (por meio de legislação específica) ignorar os direitos humanos dos imigrantes ilegais (que apesar de “indocumentados”, estão integrados na vida econômica estadunidense), por outro lado, ditaduras de forte apelo nacional podem utilizar a questão do estrangeiro de modo central em sua legitimação (a Alemanha hitlerista seria o maior exemplo). Em segundo lugar, a posição econômica do migrante não explica os mecanismos de inclusão na sociedade de destino: bolivianos e nordestinos residentes na cidade de São Paulo não têm as mesmas relações sociais de hospitalidade / hostilidade, assim como, em nível internacional, turcos e italianos na Alemanha, ou chineses e albaneses na Itália – as identidades étnicas, reforçadas em contexto de migração coletiva, também são vetores de sociabilidade tão importantes quanto a posição econômica. Enfim, a questão do estrangeiro no mundo contemporâneo, articulada à problemática das migrações internacionais, só pode ser entendida levando-se em conta tanto os processos globais quanto os processos específicos das sociedades nas quais ela se manifesta, numa complexa rede de condições econômicas, políticas e culturais.

A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE AO ESTRANGEIRO NA ATENAS CLÁSSICA

A cidade diante dos metecos

Os estrangeiros residentes na cidade de Atenas eram chamados de metecos, “aqueles que moram junto”², formando um grupo social distinto juridicamente tanto dos cidadãos quanto dos escravos. Para se compreender as relações da cidade com os metecos (relações estas inseridas na questão da hospitalidade), é preciso retomar alguns aspectos históricos da cidade de Atenas no período clássico (séculos VI-IV a. C.).

Em primeiro lugar, Atenas era uma democracia. Dos objetos de reflexão no pensamento ocidental, a democracia ateniense tem sido um dos mais constantes e polêmicos: seja festejada como modelo de liberdade a ser perseguido, ou temida como modelo de desordem a ser evitado; seja enaltecida como primeira experiência de liberdade na História da Humanidade, seja rebaixada como mais uma das formas de dominação dos homens sobre os homens, a democracia ateniense é frequentemente tomada como contraponto tanto das experiências políticas contemporâneas, quanto das teorias a respeito da política em si. De que se tratava, afinal, a democracia em Atenas no período clássico?

Em seus aspectos institucionais (talvez os menos polêmicos na historiografia), a democracia de Atenas era formada pela Assembléia, pelo Conselho, pelas Magistraturas e pelos Tribunais; de todas elas, a Assembléia era a que tomava as principais decisões políticas da cidade, e era o espaço por excelência do exercício da soberania popular: estava aberta a todos os cidadãos, ou seja, os homens adultos, livres e atenienses (Mossé, 1979). Ainda que esta definição de quem era cidadão pareça hoje restrita, a extensão da cidadania àqueles que não tinham

“berço” (ou seja, aos pobres, o demos) era motivo de escândalo no mundo grego (Ober, 2002). Nesta democracia direta, virtualmente todo cidadão tinha chances de ocupar qualquer cargo público, e o método do sorteio para escolha da maioria dos cargos era um exemplo disto (Finley, 1985). A política era exercida por meio da liberdade de expressão na Assembléia, sendo a palavra pública entendida, segundo alguns historiadores, como o meio fundante de participação do cidadão na coletividade, e consequente vivência da liberdade (Vernant, 1970; Meier, 1995). A democracia também se definia pela oposição a outros dois regimes políticos: à tirania, na qual a cidade ficaria entregue aos impulsos e desmedidas de um único homem; e à oligarquia, na qual a liberdade era restrita a poucos homens (geralmente escolhidos segundo suas rendas), que poderiam seja oprimir a maioria dos pobres, ou destruir a cidade devido a suas desavenças pessoais (cf. Heródoto, *Histórias*, III.80-2; Pseudo-Xenofonte, *Constituição dos Atenienses*, I.8).

Em segundo lugar, Atenas era um império. Com o fim das guerras médicas, na primeira metade do século V a. C., Atenas tornou-se a principal cidade daquela que seria a Liga de Delos; na metade do século, as cerca de duzentas cidades-membro da Liga contribuíam não apenas com barcos, mas também com tributos em dinheiro (Guarinello, 1994), fazendo com que Atenas se fortalecesse cada vez mais, constituindo a maior frota entre as cidades gregas, e ao mesmo tempo criando uma vasta rede comercial que ligava amplas regiões do Mediterrâneo (Horden & Purcell, 2000). Com o crescimento econômico ateniense, houve o aumento significativo das atividades comerciais e artesanais, além da ampliação do uso do trabalho escravo. (Austin & Vidal-Naquet, 1972) Seja por este crescimento econômico, seja pelo prestígio militar e cultural, a cidade de Atenas passou a ser um foco de migração

populacional, fazendo com que Atenas fosse a cidade mais habitada do mundo grego, com mais de 300 mil habitantes – a média das cidades gregas era de 10 a 15 mil (Cohen, 2000).

É nesta Atenas democrática e imperial que se desenvolvem os metecos como grupo juridicamente definido. O meteco é definido, do ponto de vista da cidade, antes de tudo, negativamente: não é nem cidadão, nem escravo – ainda que livre, não tem o direito de participar das reuniões da Assembléia, não pode se tornar magistrado, não pode ser escolhido para o Conselho, não pode conduzir um processo jurídico sem um “tutor”, não pode ser proprietário de terra nem de residência própria, além de pagar o metoikion, um imposto especial aos metecos. O meteco poderia ter benefícios, devidos, especialmente, por serviços prestados à cidade, como a igualdade fiscal, o direito de propriedade sobre a residência etc, além de obter, o que raramente acontecia, a plena cidadania ateniense. Mas mesmo sem estes benefícios, os metecos tinham algumas formas de integração reconhecidas pela cidade: prestavam serviço militar, participavam das procissões, assim como poderiam fazer parte de clubes aristocráticos (Whitehead, 1977; Cohen, 2000). Em suma: meteco é aquele que não pode participar politicamente da cidade, e que, para usufruir dos benefícios econômicos de morar na sede de um império, tem de respeitar uma série de restrições e obrigações, ainda que com algumas formas de integração social.

Esta definição de “meteco”, conforme ressaltado, é oriunda do ponto de vista da cidade, observada tanto em textos oficiais (decretos) quanto em textos literários. Parte de uma oposição básica entre público (*koinos*) e privado (*idios*), entre a cidade (*polis*) e a casa (*oikos*): aos cidadãos cabem a vida pública, o cuidado com a polis (a política), sendo a cidade o espaço no qual os cidadãos se relacionam enquanto

iguais; aos não-cidadãos, cabem a vida privada e a casa, onde impera o cidadão. Assim, o meteco deve se reduzir ao *homo oeconomicus*, sem mais ambições do que prestígio e/ou riqueza, mas de modo algum a política, dentro da cidade dos cidadãos: em outras palavras, o meteco como objeto da política, não como sujeito (cf. Platão, *República*, I; Xenofonte, *Reverus*, 2; Aristóteles, *Ética a Eudemo*, 1233a28-30³).

É justamente contra a “cidade dos cidadãos” que alguns historiadores têm procurado, recentemente, alternativas para o estudo de Atenas como um todo e especialmente na sua relação com os não-cidadãos, a saber, mulheres, estrangeiros e escravos (Ober, 1996; Hansen, 1998; Cohen, 2000; Andrade, 2000). A visão dos cidadãos sobre os não-cidadãos, e especificamente sobre as mulheres, é vista pela historiadora Marta M. de Andrade como uma ideologia, uma tentativa de ordenamento social; oposição público/privado é tomada como ideologia, pois “essa experiência só poderia se referir a uma vivência do espaço social do ponto de vista do cidadão e das relações mútuas entre cidadãos”, únicos que “tinham o privilégio de ‘circular’ entre a casa e a cidade” (Andrade, 2000: 103). No entanto, segundo a autora, esta cidade dos cidadãos repousava sobre a cidade habitada, por cidadãos e não-cidadãos, que travavam relações não somente político-institucionais, mas também econômicas, religiosas, e, de acordo com a tese central da autora, cotidianas: a partir da análise, principalmente, de textos de Aristófanes, Platão e Aristóteles, a autora propõe uma categoria de vida cotidiana na Atenas clássica: a “vida comum” ou “vida doméstica” (*kat’oikían*), vida cotidiana da cidade dos habitantes, abarcando relações de amizade, formas específicas de uso do espaço urbano, hábitos, interações entre cidadãos e não-cidadãos, entre os homens e mulheres, políticas e não-políticas – ou seja, relações sociais

que ultrapassam as dimensões do público e do privado; neste contexto, a ideologia do público/privado acaba por deixar um vazio conceitual para as atividades da vida cotidiana (a confusão entre vida cotidiana e vida doméstica é um indício), que, por sua vez, aparecem como resistência a exclusão política – constituiu-se, pois, uma “política do cotidiano”, espaço de participação de mulheres (como ressalta a autora), estrangeiros e escravos (Andrade, 2000:246-258).

O fundamental da noção de “política do cotidiano” é que torna possível a emergência dos grupos não-cidadãos como sujeitos políticos. Mas como se daria esta subjetivação política dos metecos atenienses? É possível falar em participação política dos metecos, ou somente na sua existência econômica?

Os metecos diante da cidade

Um episódio particular da história da democracia ateniense pode contribuir para a discussão da questão da hospitalidade ao estrangeiro e sua relação com a subjetividade dos metecos na democracia ateniense: a restauração democrática de 403 a. C. Segue, em linhas gerais, a narrativa⁴:

A cidade de Atenas, após a derrota na batalha de Aigos-Potamos, em 405 a. C. – batalha que marcaria a vitória definitiva de Esparta na Guerra do Peloponeso – assiste a suspensão de sua democracia sob o governo dos Trinta Tiranos, que, apoiados pelos espartanos e por setores do corpo da cidadania, instituíram um regime autoritário que matou “não menos de mil e quinhentas pessoas”, segundo Aristóteles em *Constituição de Atenas* (xxxv, 4). Os exilados pelo regime encontraram asilo em Tebas e em Mégara, onde chefes democratas como Trasíbulo, contando com o apoio dos metecos do Pireu, organizavam a guerra para o restabelecimento da democracia. Em 403 a. C., diante do avanço do exército democrata no Pireu, os Trinta são depostos pelos cidadãos, e, com a

mediação do rei espartano Pausânias, ocorre a conciliação entre os ocupantes do Pireu e aqueles que haviam apoiado o regime dos Trinta, resultando na “restauração democrática”. Com a democracia restabelecida, alguns metecos que lutaram a favor do exército democrata recebem, por decreto proposto por Trasíbulo e aprovado pela Assembléia, o direito de cidadania plena; no entanto, tal decreto tem curta duração, pois Arquino, democrata moderado, moveu processo de ilegalidade contra o decreto, o que resultou em sua anulação. Depois disso, a democracia não seria ameaçada até o tempo da hegemonia macedônica, passados mais de setenta anos: os metecos continuariam sem direito de voto ou expressão na Assembléia.

Logo após a restauração, um meteco que havia participado ativamente escreve um discurso (que segundo a tradição foi pronunciado por ele mesmo em tribunal) contra um dos Trinta, responsável pelo assassinato de seu irmão: o discurso Contra Eratóstenes. Este meteco, Lísias, logógrafo (ou seja, escritor de discursos para outrem) e professor de oratória, era filho do renomado fabricante de armas Céfalos, que segundo este mesmo discurso fora convidado pelo próprio Péricles a se fixar em Atenas. Segundo Lísias, antes da restauração democrática, seu irmão Polemarco foi assassinado pelos Trinta pois estes precisavam de dinheiro, e decidiram prender, executar e confiscar os bens de alguns dos ricos metecos de Atenas (Lísias e Polemarco, particularmente, tinham mais de cem escravos); o próprio Lísias conseguiu escapar pois conhecia a casa onde ficou preso, e atravessando o mar, uniu-se ao exército de Trasíbulo que acabaria por restaurar a democracia.

Este relato traz diversas questões, como a relação dos estrangeiros residentes com a política, com os cidadãos, com o espaço urbano, com a democracia etc. Mas, o que aqui parece merecer maior destaque é a emergência

da vida cotidiana no discurso meteco e o modo pelo qual é (re)articulada a ideologia da oposição público/privado. Lísias tinha acesso à casa de outros habitantes de Atenas, inclusive cidadãos (como Damnípus, dono da casa onde ficou preso); este acesso dos metecos às casas dos cidadãos, e vice-versa, pode ser encontrado também no livro I da *República* de Platão: o primeiro diálogo sobre a justiça ocorre na casa de Céfalos, meteco pai de Lísias e Polemarcos – um indício, a partir do campo das representações, de que tal prática era socialmente plausível. Esta convivência dos habitantes (cidadãos e não-cidadãos), na cidade (polis) e em suas casas (*oikos*), não se enquadra na oposição público/privado, ressaltando assim o papel da vida cotidiana no estabelecimento e mobilização de relações sociais específicas: no caso de Platão, a casa de um meteco poderia se tornar em espaço (público) de debate intelectual a respeito da cidade, assim como, no caso de Lísias, na casa de cidadãos poderiam ser realizadas táticas dos metecos contra a cidade (governada pelos Trinta) ou a favor da cidade (democracia). Aqui, acredito, se situa a política cotidiana dos metecos atenienses.

Contudo, podemos ir mais além ao perceber que a mesma ideologia da oposição público/privado, negada na vivência cotidiana do espaço urbano de Atenas pelos não-cidadãos, poderia ser mobilizada a seu favor. Lísias, ao concluir a narrativa do assassinato, reforça o peso da acusação aos Tiranos: “Mas a ação que melhor ilustra o caráter e a sua insaciável ganância foi essa: na sua primeira entrada na casa [de Polemarcos], Melóbius [um dos Tiranos] rasgou a orelha da esposa de Polemarcos para pegar seus brincos de ouro” (Contra Eratóstenes, 19). Aqui, um triplo crime: o primeiro, a ganância, o desejo de riqueza, oposta à ética do bom cidadão; o segundo, a utilização do poder da polis para o interesse particular (*ideos*); o terceiro, a invasão do *oikos*, representado

pela casa, pela mulher, e pela propriedade. Assim, a ideologia da oposição público/privado é utilizada para demonstrar a não-cidadania dos Tiranos, e a conformidade dos metecos com os princípios da polis.

Outros elementos poderiam ser elencados para a discussão do papel dos metecos na/para a democracia ateniense, como a profissão de logógrafo e professor de oratória de Lísias, além da propriedade de uma fábrica de armas pro Céfalo – dois dos fundamentos da polis, a saber, a palavra e a guerra. Contudo, acredito que a discussão sobre o cotidiano e sobre a ideologia da oposição do público/privado já trazem contribuições para se pensar as estratégias e táticas possíveis na sociedade ateniense no período clássico; especialmente, publicizar o privado cotidianamente, ou até mesmo agir democraticamente mesmo estando excluído – uma espécie de democracia pelo avesso.

CONCLUSÃO

Retomemos algumas idéias. Das migrações no mundo contemporâneo, a primeira contradição enunciada foi a entre inclusão econômica/exclusão política. Como vimos, no caso da Atenas Clássica estas contradições também são existentes: os metecos respondem a necessidades econômicas do império ateniense ligadas especialmente às atividades comerciais, produtivas e militares. Daí a justificação (sempre a partir da ideologia cívica), por um lado, de sua presença em solo ateniense; porém isso não bastava para o direito de participação política formal, nas instituições democráticas já tão exageradamente abertas aos olhos dos inimigos da democracia da época. Ora, o povo (demos) ateniense era soberano na democracia: mas quem era o povo ateniense? Institucionalmente, eram os filhos de pai e mãe ateniense, ou seja, ser ateniense era uma questão de

hereditariedade. Mas “ateniense” é uma identidade social, e como tal não se limita ao sangue materno e paterno: as identidades sociais são construídas social e historicamente, e se entendermos que a hereditariedade como fator decisivo da identidade ateniense é também uma construção, poderemos estar aptos a investigar outras formas de construção da identidade, para além da ideologia cívica. Cada grupo social pode criar sua identidade sempre em relação à identidade que lhes é atribuída por outros grupos: assim os metecos são metecos a partir da relação entre as suas próprias concepções e as concepções dos cidadãos. Se a ideologia cívica constrói a imagem do meteco como *homo oeconomicus*, alheio à existência política – e portanto, à liberdade (Arendt, 2000), a identidade dos metecos para si mesmos pode ser construída aceitando ou se contrapondo a essa imagem: como vimos, nos discursos de Lísias existem indícios de que a identidade dos metecos se constrói tendo em conta a possibilidade de prática política: não a prática política formal e institucionalizada, mas uma prática no sentido mais amplo da política, o cuidado com a cidade, se realiza no momento em que se faz o exercício da liberdade coletivamente – a cidade habitada, que engloba cidadãos e não-cidadãos, torna-se, por meio da vida cotidiana plena de significado, o “anfiteatro da política”, na bela definição de Hannah Arendt.

Portanto, a vida cotidiana foi identificada, neste texto, como o lugar da resistência eminentemente política dos não-cidadãos às restrições também políticas dos cidadãos, na realidade histórica da cidade de Atenas no período clássico. Mas aconteceria algo semelhante no mundo contemporâneo? Exerceriam a liberdade política também, à sua maneira, os migrantes atuais?

Aqui voltamos à segunda contradição enunciada acima, entre monólogo do Estado de destino / diálogo dos movimentos sociais. Grande parte da

bibliografia a respeito das migrações internacionais diz respeito às medidas tomadas pelos governos para controlá-las: seja para denunciar, seja para ratificar, poucas vezes tais análises levam em conta a voz dos próprios migrantes. Os acontecimentos de 2005 e 2006, nos Estados Unidos e na França, tornam esta postura impraticável: as gigantescas passeatas de imigrantes nos Estados Unidos transtornaram de tal maneira a ordem política estadunidense que, segundo alguns analistas, explicariam a vitória do partido democrata no Congresso (Cunha, 2006) – não que este partido realmente vá mudar o rumo da política migratória estadunidense (não há notícia de políticos democratas influentes que proponham a derrubada do muro com o México; pelo contrário, sua ampliação e reforço são amplamente discutidos), mas a própria existência discursiva dos imigrantes nas falas eleitorais indica seu papel no jogo político formal; na França, muita além da formalidade da política, os incêndios de milhares de automóveis e a situação de revolta urbana demonstrou que os imigrantes e descendentes não mais estão dispostos a serem objetos das ações estatais, ou ainda, objeto da indiferença estatal (lembrando que a não ação estatal também é uma decisão política). E é justamente nestes momentos de crise onde emerge a vida cotidiana plena de significado: estes cortes, seja por meio das passeatas, seja por meio de revoltas, atravessam a alienação moderna que coloniza a cotidianidade (Lefebvre, 1991) e (re)instauram a vivência da política em seu sentido menos estatal, e mais libertário.

* **Fábio Augusto Morales Soares é aluno da pós-graduação em História Social pela USP.**

NOTAS

1 - Não por acaso, os dois centros de estudos sobre a cultura grega possivelmente mais prestigiados atualmente são a Escola Americana de Atenas e a Escola Francesa

de Atenas, criando como que um laço histórico-cultural entre a cultura clássica e os Estados-nação em questão. No âmbito da cultura de massa, tal laço é tecido em grandes produções cinematográficas, programas televisivos e centenas de livros acadêmicos ou não, além de outros meios.

2 - A tradução do termo grego *metoikos* é bastante discutida. Geralmente entendido como “aquele que mora junto”, a palavra deriva de *meta*, que pode utilizado como “junto de”, “que veio de”, “posto em”; e *oikos*, “casa, moradia”. Whitehead (1977) defende que o sentido de *metoikos* incorpora o conceito de mudança, migração.

3 - Surpreendentemente, esta oposição entre cidadão/política e meteco/economia é defendida por Aristóteles, filósofo nascido em Estagira (cidade macedônica) que viveu mais de 30 anos como meteco em Atenas.

4 - Esta narrativa se baseia, de um lado, no manual de Claude Mossé (1979:77-82), e de outro, ainda que superficialmente, nas fontes utilizadas pela autora: Lísias *Contra Eratóstenes*, Xenofonte *Helênicas II*; e Aristóteles, *Constituição de Atenas*.

FONTES

Aristóteles

- *Constituição de Atenas*. Trad. de F. M. Pires. São Paulo, Hucitec, 1995.

- *The Athenian constitution ; The Eudemian ethics ; On virtues and vices*. Trad. De H. Rackham. Cambridge / London, Harvard University Press / W. Heinemann (The Loeb Classical Library), 1952.

Heródoto

- *Histórias*. Trad. De Mario da Gama Cury. Brasília, UnB.

Lísias

- *Lysias*. Trad. de W. R. M. Lamb. London, W. Heinemann (The Loeb Classical Library), 1960.

Platão

- *A República*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo, Difel, 1965.

Pseudo-Xenofonte (“Velho Oligarca”)

- “La Constitution des Athéniens”. In: CANFORA, L. *La Démocratie comme violence*. Paris, Ed. Desjonquères, 1989.

Xenofonte

- *Helléniques*. Trad. J. Hatzfeld. Paris, Les Belles Lettres, 1973.

- *Cyropédie; Hipparque; Equitation Hieron; Agesilas; Revenus*. Paris, Garnier, 1932.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. M. de

(2000) *A “Vida Comum”: Espaço e Cotidiano nas Representações Urbanas da Atenas Clássica*. São Paulo, USP, Tese de Doutorado.

ARENDT, H.

(2000) *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva.

AUSTIN, M. & VIDAL-NAQUET, P.

(1972) *Economia e sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa, Edições 70.

COHEN, E. E.

(2000) *The Athenian Nation*. Princeton, Princeton University Press.

CUNHA, M. C. da

(2006) “A virada hispânica”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12/11.

FINLEY, M. I.

(1985) *Política no mundo antigo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

GUARINELLO, N. L.

(1994) *Imperialismo greco-romano*. São Paulo, Ática

HANSEN, M. H.

(1998) *Polis and city-state : an ancient concept and its modern equivalent* (symposium January 9, 1998). Copenhagen, Munksgaard.

HORDEN, P. & PURCELL, N.

(2000) *The corrupting sea: a study of Mediterranean History*. Oxford, Blackwell.

LEFEBVRE, H.

(1991) *Vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática.

MEIER, Christian

(1995) *La naissance du politique*. Paris, Gallimard.

MOSSÉ, C.

(1979) *Atenas: a história de uma democracia*. Brasília, UnB.

OBER, J.

(1996) *The Athenian Revolution: essays on Ancient Greek democracy and political theory*. Princeton, Princeton University Press.

OBER, J.

(2002) *Political dissent in democratic Athens: intellectual critics of popular rule*. Princeton, Princeton University Press

PATARRA, N. L.

(2006) “Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais”. In: *Estudos Avançados*, v. 20, nº 57. São Paulo, maio/agosto.

VERNANT, J. P.

(1970) *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro, DIFEL.

VICTOR, F.

(2005) “Sarkozy quer estrangeiros rebeldes expulsos”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10/11.

WHITEHEAD, D.

(1977) *The ideology of athenian metic*. Cambridge, The Cambridge Philological Society.

DA ACOLHIDA SOLIDÁRIA À HOSPITALIDADE COMERCIALIZADA

O Turismo na Chapada Diamantina

Francisco Emanuel Matos Brito *

Neste artigo, além de realizamos uma breve retrospectiva histórica sobre a viagem e o turismo, também abordamos as mudanças experimentadas pela acolhida e pela hospitalidade tanto nos primórdios da viagem e a partir do advento do turismo, quanto na análise de uma situação concreta, tomando como exemplo a Chapada Diamantina.

Na sua conotação religiosa a acolhida dos visitantes por parte dos hospedeiros se configurava num ato de bondade ou caridade. Mas, com o passar do tempo e com as mudanças ocasionadas nos costumes, alterações significativas se farão presentes nos vínculos estabelecidos entre os visitantes e visitados. Vale dizer que as viagens começaram sob a forma de peregrinações e “todas as religiões estimularam as viagens na crença de que são boas para a alma”(Zeldin, 1996, p.272). Mesmo durante as peregrinações, a relação entre visitantes e visitados nem sempre se

pautava pela relação de solidariedade, transformando-se, muitas vezes, num encontro marcado por pesadas doses de comercialismo e exploração.

Senão vejamos: do século XI ao XIV observa-se a ocorrência de peregrinações responsáveis pelo deslocamento contínuo de multidões para locais sagrados, a exemplo de Santiago de Compostela, Roma, Meca, Terra Santa, Canterbury, etc. Tais peregrinações, que mesclavam quase sempre “devoções religiosas com cultura e prazer” (Urry, 1996, p. 19), foram responsáveis pela criação de um grande número de hospedarias nestes centros religiosos e fizeram de Veneza um centro turístico no final da Idade Média por causa dos peregrinos que lá paravam com destino a Jerusalém.

Como o tempo de permanência variava com a condição do vento, pouco a pouco os peregrinos foram descobrindo em Veneza as “coleções de relíquias sagradas, entre outras coisas. Pelo século XV, as estalagens de Veneza já competiam pelo negócio

turístico, e a autoridade municipal teve que intervir para garantir que os cambistas não se aproveitassem dos visitantes” (Burke, 1996, p. 9), prenunciando, já nesta época, muitos problemas ocasionados pelo turismo que continuam vigorando até nossos dias.

DO GRAND TOUR AO ADVENTO DO TURISMO

Mas será com o advento do *Grand Tour*, em meados do século XVI - uma grande viagem com duração de um a dois anos - que os aristocratas ingleses estimulam seus filhos a se deslocarem para o continente europeu com o objetivo de complementar os estudos entrando em contato com o cotidiano e a cultura dos povos de outros países, adquirindo como saldo, o aprendizado e a experiência de vida necessários àqueles que, mais tarde, viriam a fazer parte da classe dirigente inglesa. Este tipo de viagem também estimulava o

contato dos jovens aristocratas com pessoas influentes, indicava um roteiro básico do que visitar, o conhecimento da língua do país visitado e se aconselhava que a viagem fosse acompanhada de um tutor, que tinha dentre as atribuições, realizar a mediação na acolhida e na relação estabelecida entre os jovens visitantes e as pessoas dos locais visitados.

A generalização deste hábito (*Grand Tour*), além de contribuir para a institucionalização de novos gostos entre as classes mais abastadas, também ensejará a criação e proliferação de hospedarias, nem sempre dotadas das qualidades requeridas e tampouco do padrão de hospitalidade recomendado – e por este motivo rejeitadas pelos aristocratas – para abrigar com o mínimo de conforto os viajantes. Sobre o tema em foco revelam-se importantes as cartas do ‘jovem’ músico clássico Wolfgang Mozart nas quais ele narra os percalços da viagem, as condições e o tipo de acolhida dispensado aos visitantes nas hospedarias e, apesar dos pesares, reafirma o fascínio pelas viagens:

encontramos no nosso caminho a sujeira repelente das ruas, [...] e a mediocridade dos albergues [...]. O quarto que ocupamos na última noite, em Nocera, tinha um odor infecto de vômito, [...] Meu pai [...] foi falar com o albergueiro. [...] Do quarto, ouvi o dono vociferar num horrível linguajar que era aquilo ou nada, e que, se meu pai não estivesse satisfeito, encontraria facilmente alguém que pegaria o quarto em nosso lugar e de bom grado! [...] Finalmente, apesar das contrariedades, não há nada que me entusiasme mais que esta vida errante nas estradas! (David, 1995, p.54).

O surgimento da revolução industrial, nas décadas finais do século XVIII, o desenvolvimento dos meios

de transporte e comunicação, a melhoria das condições de trabalho aliada ao reconhecimento dos direitos sociais dos trabalhadores vinculados ao tempo livre e à organização do mercado de viagens, possibilitaram a emergência e o desenvolvimento do turismo, proporcionando a realização de viagens mais baratas e tornando acessível o deslocamento turístico a um número maior de pessoas para uma quantidade cada vez maior de lugares.

O TURISMO E A RELAÇÃO VISITANTES / VISITADOS

Na década de 60, o empresariado turístico internacional apresentou o turismo de massa aos países do terceiro mundo como uma opção de desenvolvimento que não demandava altos investimentos em infra-estrutura e uma atividade que dependia, sobretudo, de recursos naturais com os quais estas áreas já contavam abundantemente, a exemplo do sol, praia, além da presença de pessoas acolhedoras e hospitaleiras.

Em muitos destinos turísticos de países do terceiro mundo, a relação entre turistas e moradores é marcada pelo encontro entre desiguais, tanto em termos culturais, quanto e, sobretudo, em termos econômicos, observando-se, muitas vezes, a presença de um lado, de turistas endinheirados e, de outro, da população local pobre. Com respeito às atitudes dos habitantes das localidades com relação aos turistas, Doxey (1975, *apud* Mathieson e Wall, 1996, p.138) apontou quatro tipos de reações: 1- *euforia*. Quando as pessoas [...] acolhem bem o turista e há um sentimento de satisfação mútua. Existem oportunidades de emprego para os residentes e o dinheiro chega juntamente com a

chegada dos turistas; 2 - *apatia*. A indústria turística se expande e as pessoas tomam o turista como um alvo para obtenção de lucro fácil, levando assim os contatos pessoais a se tornarem mais formais; 3 - *irritação*. A atividade turística se aproxima do nível de saturação, não dispondo de equipamentos para atender ao aumento do número de turistas; 4 - *antagonismo*. A irritação se torna mais aberta e o turista além de rejeitado, passa a ser culpado por todos os problemas da comunidade. (tradução nossa).

Recentemente, observa-se o registro crescente de queixas de moradores de paraísos turísticos de “Trinidad à Tailândia que estão procurando formas de impedir que eles sejam esmagados pela crescente multidão de turistas em férias” (Theil, 2002, p.45) (tradução nossa). Em Maiorca, os moradores reagiram convidando os turistas a irem embora, culpando-os pelo “acionamento da água, agravamento da poluição, multiplicação dos grandes hotéis e pela perda de status do espanhol que passou a ser a segunda língua falada na maior parte da ilha” (*idem*) (tradução nossa).

As cidades de Veneza e Florença estão cobrando taxas sobre determinados serviços e, até mesmo, desencorajando a visita daqueles turistas que adquirem ‘pacotes’ e compram poucos produtos locais, chegando ao extremo de negar acolhida ao mandar embora os visitantes de um dia para garantir o suprimento dos hotéis cinco estrelas, conforme procedimento do Prefeito da ilha de Capri que justificou a opção preferencial pelos turistas ricos, afirmando: “eu não posso prejudicar nossos hotéis cinco estrelas, que hospedam turistas que gastam milhões de liras a cada dia” (Feroohar, 2002,

p. 37) (tradução nossa). O fato curioso é que essas multidões de visitantes que o empresariado turístico e os governos desejam hoje manter à distância - com o objetivo de franquear o acesso aos turistas endinheirados e com o perfil de grandes gastadores - são as mesmas que foram estimuladas e atraídas por estes agentes, através da propaganda e das ofertas de pacotes, para superpovoar estes destinos que hoje estão lhes fechando as portas.

A IGREJA, A ACOLHIDA E O TURISMO

A Igreja Católica representa um capítulo à parte na sua relação com a atividade turística. O Arcebispo de Cantuária citado por Urry (1996, p.5) afirma que “na Idade Média as pessoas eram turistas devido a sua religião, ao passo que hoje elas são turistas porque o turismo é sua religião”. Quando fala dos tempos atuais dizendo que ‘o turismo se transformou na religião dos viajantes’ ele evoca tanto a concepção defendida por Mac Cannell (1976) de que o turista de hoje seria um peregrino que, ao invés das imagens sagradas, teria como objeto de adoração as principais atrações turísticas distribuídas pelas várias cidades do mundo, quanto a idéia de Graburn (1989) que concebe o turismo como uma viagem sagrada.

Desde 1969, através do documento *Peregrinans in terra*, a Igreja vem acompanhando mais de perto o desenrolar do turismo. Decorridos mais de 30 anos, esta instituição publicou um documento intitulado *Orientações para a Pastoral do Turismo* cujo objetivo é “colaborar para que tanto paróquias como dioceses tenham sensibilidade e mais que isto, subsídios para elaborarem em nível local os seus planos de pastoral

envolvendo a questão do turismo” (SEDOC, 2001, p.270).

Ciente dos problemas ocasionados pelo turismo, a Igreja afirma que aquelas pessoas que promovem ou desfrutam desta atividade, “com frequência, a utilizam como meio para seus propósitos ilícitos, como instrumento de injusta exploração, como ocasião para a agressão às pessoas, às culturas ou à natureza” (*idem*, 282-283). Como forma de salvaguardar os direitos das pessoas, a Igreja propõe que o turismo

se pautar pela corresponsabilidade, pela qual os operadores turísticos, as autoridades políticas e a comunidade local devem participar conjuntamente em seu planejamento e na disposição de benefícios (*ibidem*, p. 289-290).

A participação ativa no processo de planejamento do turismo e, também na discussão da repartição dos benefícios, são desafios importantes a serem enfrentados pelas populações dos destinos turísticos. Para as comunidades que recebem turistas, além das precauções, o documento faz considerações sobre a atitude básica que devem ter: a da acolhida, colocada como o “núcleo central da pastoral do turismo”, pressupondo tanto uma relação mais próxima entre visitados e visitantes, quanto a participação destes últimos no cotidiano da comunidade:

esta acolhida dos turistas na comunidade deve ser organizada de tal maneira a facilitar a participação integrada da comunidade residente com os visitantes. A acolhida dos visitantes não deve, porém, se restringir à celebração conjunta da eucaristia. Os visitantes também devem se sentir convidados a participar de outros momentos da vida da comunidade (Berkenbrock, 2007, p.1).

A Igreja, além de manter uma missão de Observação Permanente

diante da Organização Mundial do Turismo, compartilha com esta entidade “os princípios que inspiram o Código Ético Mundial do Turismo e participa, a cada ano, da Jornada Mundial de Turismo promovida pela OMT, inspirando-lhe um sentido espiritual com a Mensagem do Papa” (SEDOC, 2001, p.307). Pode-se afirmar que as críticas feitas pela Igreja ao sistema turístico concernentes ao respeito que este deve dispensar às populações dos destinos turísticos e à responsabilidade com o meio ambiente, também fazem parte da plataforma de lutas de várias ONGs e das entidades de estudiosos do turismo.

A ACOLHIDA E A HOSPITALIDADE NA CHAPADA DIAMANTINA

Data do início do século XVIII o processo de ocupação socioeconômica da Chapada Diamantina motivado, sobretudo, pela expansão da corrida do ouro e, depois, pela exploração diamantífera, que tem início em 1818, ocasionando a criação do município de Mucugê (1847) e, posteriormente, dos municípios de Andaraí (1884), Lençóis (1856) e Palmeiras (1890) que conformariam o celeiro mineral das *Lavras Diamantinas*, como também estabeleceriam os limites da região que passou a ser caracterizada como Chapada Diamantina.

Atualmente, a Chapada Diamantina é uma das 15 (quinze) Regiões Econômicas do Estado da Bahia, situa-se no centro do território baiano, é composta por 33 municípios distribuídos numa superfície de 41.756,1 km² e conta com uma população aproximada de 504.040 habitantes. Desde o momento em que

se consuma o processo de decadência da economia mineral, nas primeiras décadas do século passado, resta à Chapada Diamantina o seu patrimônio arquitetônico e natural representados pela imponência do casario, exuberância das quedas d'água, cavernas, fauna, flora, que antes, considerados sem importância, foram mais tarde ressignificados e valorizados, passando a constituir o elenco de atrações disponíveis que acabaram promovendo a reconversão econômica dos municípios desta região à atividade turística.

Até o final dos anos 70 a população tinha muitas restrições à atividade turística. Hoje, desesperançada com o ocaso do garimpo de diamante, e diante do fortalecimento gradual do turismo, há sobretudo, entre os mais velhos, uma atitude que é um misto de sentimento de tolerância e resignação, conforme atesta o depoimento de um velho garimpeiro¹ de serra “a gente aceita o barulho pelo movimento no comércio e pela sobrevivência”. Apesar da hospitalidade ser uma virtude dos moradores da Chapada Diamantina - inclusive reconhecida pelos visitantes e vendida como atração pelos agentes turísticos - entre os diversos atores sociais ligados ao turismo, esta vem sendo substituída por uma relação marcada pela comercialização excessiva, na qual o turista é colocado na condição de alvo para a exploração e obtenção de lucro fácil.

Isto ocorre desde o momento em que o turista chega a Lençóis no ônibus às 4h30 ou às 13h30 pensando que está a dois passos do paraíso, ainda sonhando com as belezas que verá. Ao transpor o último degrau do ônibus, ele protagoniza o vexatório espetáculo de “caça ao turista”. É abordado e, até mesmo, assediado por intermediários que ganham percentagem de donos de

pousadas, por proprietários de agências de viagem e de pousadas que fazem chegar às mãos do turista cartões contendo propaganda dos estabelecimentos, acompanhada, invariavelmente, de comentários pouco elogiosos sobre os concorrentes.

Depois de passar a ter a exata medida das expectativas de grande parte do pessoal ligado ao negócio turístico em relação a ele, o turista volta a ser abordado nas principais ruas da cidade por guias não credenciados, que mostram fotografias dos atrativos, cobram um preço mais barato e assumem compromissos que não serão cumpridos. Mais preocupado com a redução do preço a ser pago e pouco interessado em verificar a idoneidade do guia junto à Associação dos Condutores de Visitantes de Lençóis (ACV-L), o turista acaba tendo uma experiência frustrante.

Atentos a esta situação e buscando prevenir o surgimento de problemas, alguns proprietários de pousadas, evocando traços da verdadeira acolhida e hospitalidade, responsabilizam-se pela segurança do turista, prestam as informações necessárias, orientam sobre os tipos de cuidados a serem tomados, impedem que ele faça passeios com guias não confiáveis e indicam o condutor que deve acompanhá-lo.

A relação entre os moradores e os turistas estrangeiros destituída de interesse comercial direto, ocorre quando os segundos andam pela cidade. Neste trajeto, quando ocupam o mesmo espaço físico dos moradores, observa-se de parte a parte a colocação em prática do olhar de zoológico tanto do morador sobre o turista, quanto vice-versa. O turista vê a população local como um grupo exótico; no entanto, o verdadeiro exótico é o próprio turista, pois está visitando um espaço do qual ele não é parte

integrante, um território que não lhe pertence. O comportamento ostensivo de determinados turistas contribui para que boa parte dos moradores, sobretudo os mais jovens, façam a imagem de que o turista é uma pessoa endinheirada que leva a vida gastando e não trabalha, contribuindo assim para o forte comercialismo presente na relação entre moradores e turistas.

A presença de turistas também interfere no dia-a-dia daquelas localidades cujos moradores vivem do turismo e também da agricultura. No Vale do Capão, os habitantes da vila se queixam do barulho porque levantam cedo para trabalhar na roça. De acordo com uma moradora², devido ao fato do Vale do Capão ter se transformado no paraíso dos jovens, “que ouvem som alto até duas/três horas da manhã e aceleram fundo num lugar de muitas crianças, a Associação dos Moradores do Capão estabeleceu uma série de recomendações a serem adotadas pelos turistas em visita à localidade”, que foram afixadas publicamente.

O Vale do Pati é outro exemplo de localidade receptora de fluxo turístico. Os moradores do Pati envolvidos com o turismo, trabalham com hospedagem e alimentação. Além do aluguel de animais para o transporte dos turistas e do serviço de guia, realizado por alguns jovens, observa-se ainda como fonte de renda da localidade a existência de um *camping* e a venda de frutas e verduras, cuja produção familiar está sendo cada vez mais dirigida para atender ao consumo turístico. Os patizeiros reinvestem os ganhos obtidos com o turismo na reforma das casas, equipando-as com novos quartos, camas e colchões buscando assim aumentar o número de leitos disponíveis para receber um maior contingente de turistas.

Por ser uma localidade onde todos se conhecem, os moradores têm exercido um controle maior sobre a atividade turística. A falta de energia elétrica se de um lado reforça o 'primitivismo' da localidade, de outro restringe as opções noturnas no Pati, condicionando moradores e turistas a dormirem pouco depois das 20 horas. Este fato que para os não moradores significa um recolhimento precoce, para os patizeiros é visto como normal, uma vez que está inscrito nas suas práticas cotidianas o hábito de dormir "com as galinhas" para acordar cedo na manhã seguinte e dar continuidade ao trabalho na agricultura, ainda a principal forma de garantir a reprodução da unidade familiar. Já os turistas também utilizam a seu favor o fato de dormir cedo para o (re)início das caminhadas junto com os primeiros raios solares. Algumas vezes, registra-se a ocorrência de barulho durante a noite no Pati. Quando a intensidade passa a incomodar, os moradores mais velhos reclamam e são atendidos.

A relação entre turistas e moradores é marcada pelo respeito à cultura local, admiração e hospitalidade. Esta relação também é pontilhada por alguns episódios de transgressão dos valores da comunidade que tem se mostrado contrária a determinadas práticas externas, a exemplo do episódio no qual alguns turistas fumaram maconha na casa de um morador, forçando-o a reagir e colocar o aviso "aqui não se fuma". Por pressão dos moradores um casal de fora que trabalhava na escola da localidade e era praticante do Santo Daime, foi expulso por ter oferecido auasca para os jovens do Pati.

Com respeito ao morador da região, vale mencionar a mudança verificada na acolhida a este visitante, sobretudo em Lençóis. Antes de

meados dos anos 90, quando a Chapada Diamantina ainda não havia sido preparada para um tipo de turismo mais elitista, o preconceito contra o visitante regional era inexistente. A partir do momento em que Lençóis se torna um destino ligado a um "tipo de turismo que pressupõe a realização de passeios e a prática de esportes na natureza, o visitante regional passa a ser vítima do preconceito e estigmatizado como 'farofeiro'" (Brito, 2005, p.303).

Nesta cruzada anti-farofeiros, juntam-se os moradores e, principalmente, muitos proprietários de estabelecimentos comerciais, contra um visitante que sendo da própria região, é colocado na condição de estrangeiro. Para estes empresários, o chamado 'farofeiro' representa um tipo de visitante a ser excluído, por consumir muito pouco, encontrando-se, portanto, em desacordo com a nova característica econômica de turista requerida para a região. Segundo um proprietário³ de pousada "eles chegam, trazem a farofa, usam e sujam as ruas da cidade e vão embora sem consumir". Por não desejarem dividir a cidade com os farofeiros e como não podem impedi-los de visitá-la, os agentes econômicos juntamente com o poder público municipal, propõem a instalação de um pórtico na entrada da cidade, local de controle de acesso, onde se recomendará a estes visitantes que tipo de comportamento devem adotar durante a visitação.

Caso esta proposição se concretize, teremos a consolidação de uma situação semelhante àquela enfocada por Bauman (1999, p. 95-98), sobre o tratamento dispensado aos deslocamentos dos habitantes do primeiro e do segundo mundo. Para os primeiros, o fato de serem turistas com maior poder aquisitivo, e de terem maior ou menor afinidade com os códigos de

conduta, representa a senha para que eles mantenham as portas da cidade escancaradas e sua presença seja altamente bem-vinda. Para os 'farofeiros' a 'exigência do consumo compulsório', a 'obediência à questão ambiental', a 'necessidade de manter as ruas limpas', são fatores que tornam as portas de entrada da cidade mais difíceis de serem transpostas por eles, os indesejáveis.

Mesmo aquele turista regional não caracterizado como farofeiro que vem fazer curso em Lençóis, sofre a discriminação desde o momento em que salta do ônibus e sai tendo a presença ignorada enquanto os brasileiros de outras partes do país e, sobretudo, os estrangeiros são assediados. Segundo um turista regional⁴, esta discriminação continua a ser praticada

no comércio, em bares e restaurantes frequentados, principalmente, pelos turistas. No Grizante, a prioridade vai para os turistas estrangeiros e de outros estados - que mal sentam à mesa e já são procurados pelos garçons - enquanto nós precisamos solicitar o atendimento.

CONCLUSÃO

Longe de ser uma atividade benemerente, o turismo envolve uma relação entre visitantes e prestadores de serviços, mediada pelo dinheiro e que tem como objetivo a obtenção do lucro, em algumas situações, de forma exorbitante. Sob a influência do turismo, a hospitalidade e a generosidade das pessoas são veiculadas nos catálogos das agências de viagens, transformando-se, assim, em elementos de atração dos destinos turísticos.

Os moradores de Lençóis, embora sempre desconfiados, tratam bem e vêm mantendo boa relação com os

turistas de diversas partes do Brasil e com os estrangeiros. Falando deste encontro entre os moradores e os turistas, o Padre da cidade faz uma crítica contundente que segue a mesma linha das observações da Igreja contidas no Documento *Orientações para a Pastoral do Turismo* (SEDOC, 2001). Segundo ele⁵:

é um encontro marcado pela agressividade, não há respeito à cultura local, à natureza[...]. Os nativos não tiveram tempo, o turismo chegou de maneira muito precoce e a comunidade até então não estava preparada para o novo. Não tendo consciência do que é, ela não tem preparação profissional, cresce cada vez mais o número de desempregados, a fome e as drogas.

Considerando os diferentes grupos de moradores e os contatos diferenciados mantidos com os diversos tipos de turistas, observa-se a ocorrência de níveis de reciprocidade distintos entre as partes envolvidas. Apesar de alguns problemas registrados no encontro de pessoas de cultura e nível econômico diferentes e levando em conta a hospitalidade dos moradores, foram identificados alguns importantes exemplos de retribuição dos turistas, traduzidos na ajuda à tramitação de documentos de moradores de Lençóis com vistas à obtenção de aposentadoria, o envio mensal de doações destinadas à manutenção de crianças carentes, a expedição de cartas de agradecimento para os donos de pousadas, a remessa de presentes para alguns guias e a doação de placas solares, aparelho de televisão e vídeos com conteúdos sobre o meio ambiente para a escola do Vale do Pati, contribuindo para que os moradores da localidade ampliem as informações e os cuidados com a natureza.

Vale dizer que apesar da venda da acolhida e da hospitalidade como

motivadores das visitas aos lugares por parte dos agentes turísticos, a maneira como se encontra estruturada a recepção turística - na qual, muitas vezes, os turistas ficam nos meios de hospedagem mais sofisticados como se estivessem confinados numa 'bolha ambiental', utilizando todo o tipo de serviço oferecido pelos funcionários e pelos guias durante os passeios - restringe, quando não impede, que haja espaço para o contato, acabando por promover a segregação entre os turistas e a população local.

Mas viajar não pode se resumir a ter o conforto de casa fora de casa, numa situação de confinamento. Também pressupõe a visita às atrações turísticas e não turísticas dos lugares. Embora se viva num mundo globalmente complexo em que a acolhida e a hospitalidade estão se tornando artigo raro - ainda que seja um desejo alardeado por muitos e, na realidade uma concretização de poucos - faz-se necessário o contato, a interação social entre estranhos, visitantes e moradores, bem como experimentar os efeitos produzidos em cada uma das partes neste tipo de encontro.

***Francisco Emanuel Matos Brito é Doutor em Ciências Sociais e pesquisador do Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais (NUCLEAR) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.**

Notas

1. Entrevista realizada em 15.11.2002
2. Entrevista realizada em 15.02.2003
3. Entrevista realizada em 19.12.2002
4. Entrevista realizada em 18.12.2002
5. Entrevista realizada em 20.11.2002

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt
(1999) *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro,

Jorge Zahar Editor.

BERKENBROCK, Volney

(2007) *Pastoral do turismo: um desafio à evangelização*. Disponível em: <<http://www.itf.org.br>>, capturado em 13 fevereiro.

BRITO, Francisco E. M.

(2005) *Os Ecos Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina*. Salvador, EDUFBA.

BURKE, Peter

(1996) "Uma multidão de curiosos". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 janeiro, Caderno Mais, p. 9.

DAVID, Marc

(1995) *Farineli: memórias de um castrato*. São Paulo, Scritta.

FOROOHAR, Rana

(2002) "Travel & Tourism: Getting Off the Beaten Track". *Newsweek*. New York, July 22-29, p.34-38.

GRABURN, N.

(1989) "Tourism: The Sacred Journey". In: SMITH, V.L. (org.) *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*. 2ª ed. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, p.21-36.

Mac CANNELL, Dean

(1976) *The tourist: a new theory of the leisure class*. New York, Schocken Books.

MATHIESON, A. e WALL, G.

(1996) *Tourism: economic, physical and social impacts*. London, Longman.

SEDOC

(2001) *Orientações para a Pastoral do Turismo*. Petrópolis, Vozes, v. 34, nº 289, nov - dez, p. 270-316.

THEIL, Stefan

(2002) "Getaway? Go Away!". *Newsweek*. New York. July 22-29, p.45-46.

URRY, John

(1996) *O olhar do turista: viagens e lazer na sociedade contemporânea*. São Paulo, Studio Nobel/Sesc.

ZELDIN, Theodore

(1996). "Como os viajantes formam a maior nação do mundo, e como aprendem a não ver apenas aquilo que procuram". In: _____. *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro, Record, p.268-280.

MIGRANTES EM JARAGUÁ DO SUL (SC)

Novos “carreros” a serem percorridos e a tessitura do “fio de Ariadne”

Ancelmo Schörner *

A história oficial de Jaraguá do Sul¹, cidade localizada no Norte de Santa Catarina, sustenta que em 1864 a princesa Isabel, filha do imperador Pedro II e herdeira do trono, casou-se com o Conde d’Eu. Como parte do dote constavam as terras que vieram a formar o município, no Vale do Itapocu. Ao engenheiro e coronel Emílio Carlos Jourdan, amigo do Conde d’Eu e da princesa Isabel, coube a tarefa da demarcação das terras. No princípio eram 12 léguas quadradas, sendo aumentadas, posteriormente, para 25 léguas quadradas.

A região começou a ser explorada efetivamente a partir da década de 1870, quando Jourdan chegou para tomar posse de dez mil hectares de terras ao norte da Colônia Dona Francisca, entre a barra do Rio Jaraguá, a Leste, e a margem do Rio Itapocu, ao Norte.

Antes da assinatura do contrato de medição, em 11/01/1876, Jourdan havia feito um contrato com a princesa para colonizar parte do referido patrimônio. Pelo contrato ela arrendou, durante 15 anos, 430 hectares de terras no Jaraguá-sede, fez promessa de venda de dois mil hectares e, caso a compra se efetivasse, não precisaria pagar o arrendamento recebendo, ainda, o direito de povoar e extrair erva-mate, madeira e minérios. Assim, a história do Jaraguá está intimamente ligada às amizades de Jourdan com os proprietários das terras onde foi erguido o Estabelecimento

Jaraguá, que consistia em engenho de açúcar, de farinha de mandioca e de fubá, olaria e serraria, em 1877.

O processo de industrialização de Jaraguá do Sul (Schörner, 2000; 2003 e Schörner & Nodari, 2004) foi intensificado a partir de 1960-80, o que contribuiu para que a cidade recebesse considerável número de migrantes desde então. Com o tempo, a sedução da vida urbana traz para Jaraguá do Sul não apenas homens solteiros ou casados sozinhos, mas famílias inteiras que chegam sem nenhuma garantia, seja de trabalho, seja de moradia.

Os primeiros dias na cidade, encontrar moradia e emprego, significam o início do conhecimento das regras da cidade, apreender seus primeiros “carreros”, se familiarizar com uma realidade completamente nova: a cidade é um mundo a ser descoberto, desvendado, e quase todos contaram com inestimáveis auxílios nessa empreitada.

Pelo fato de, em geral, os migrantes integrarem um grupo originário de uma formação sócio-espacial distinta da do lugar onde viriam a se assentar, os mesmos procuraram ocupar áreas que permitissem manter a proximidade física e os laços de solidariedade social que as condições de moradia exigiam. A ocupação do Morro da Pedra, por exemplo, foi marcada pela presença dos paranaenses, cuja intensidade chega a 90% dos moradores.

Para Durham (1984: 8), a ida para a cidade, a saída do local de origem é, para

a maioria das pessoas envolvidas, uma transformação radical, e sustenta que em nenhum momento essa transformação se apresenta de modo tão dramático ou tão completo como quando se dá a transferência de indivíduos e grupos das comunidades mais tradicionais e mais pobres para os centros urbanos onde se concentram as inovações, a riqueza e os centros de decisão que transformam o país, haja vista que o migrante vive e realiza de modo concentrado modificações nos padrões de comportamento e nas relações sociais que refletem, ao nível da ação concreta dos sujeitos, as alterações que ocorrem na ordem estrutural de uma determinada sociedade.

De acordo com Margarida, moradora do Morro da Boa Vista desde 1988,

no Paraná se trabalhava na roça, a família toda, fazendo empreitada na terra dos outros. Hoje a família toda mora aqui, mas depois que veio eu e meu irmão, os outros todos vieram aos poucos, que lá não dava mais, não tinha mais recursos, como se tem aqui.

Outros, ao contrário, vieram no “escuro²”, como foi o caso de Dona Sônia e seu marido em 1981. Segundo ela, sua “vinda para Jaraguá do Sul foi engraçada”, pois

no Paraná, em Mariluz se morava no sítio e tinha também um patrimônio, um lugar tipo um centro, com venda, igreja, posto de serviço, dentista, médico. Era bem pequeno. Quando decidimos vir pra Jaraguá em 1981 a

gente veio no escuro. Nós viemos atrás do compadre Alcides, que já morava aqui. Mas a gente não sabia onde ele morava e se pensava que Jaraguá era do mesmo tamanho que o nosso patrimônio. A gente era da roça, da agricultura e não tinha conhecimento de nada de como era uma cidade grande. Na verdade viemos aventurando melhorar de vida e está dando certo. Nossa, quando chegamos em Jaraguá foi uma surpresa tamanha que nem se sabia o que fazer, pra onde ir, por onde começar a procurar o compadre Alcides. Decidimos perguntar. Mas é claro que ninguém conhecia o compadre Alcides na cidade. Foi um sufoco. Aí andamos mais um monte pelas ruas da cidade e nada. Fomos para um hotel e achei estranho que todo mundo olhava pra gente, mas fomos, eu e o meu marido. No outro dia é descobrimos que lá era um lugar de se fazer ponto, de se levar mulher, muito freqüentado por prostitutas. Hoje a gente ri da situação. No outro dia, então, saímos procurar o compadre e nada. Andava, perguntava, mas não se sabia nem pra onde ir e nós já tinha se perdido umas quantas vezes. Até que perguntamos pra um engraxate que tava na rua se ele sabia de um fotógrafo meio negro aqui em Jaraguá, que foi disso que eu lembrei do compadre. O engraxate disse que sabia quem era e sabia até onde ele tava construindo uma casa, lá pelos lados do Bairro Água Verde. Aí embarcamos num taxi, com o piázinho e fomos ver se era mesmo o compadre Alcides. Quando começamos a entrar numa rua, vimos a casa e tava lá o compadre Alcides. Nós ficamos na casa dele um tempão, que ele tava construindo mais não ia precisa logo. Era só quatro paredes e lá a gente ficou. O fogão foi feito com umas pedras. (...) Ele ajudou muito a gente aqui.

Embora as expectativas sejam definidas, a direção da mudança não é rigidamente programada. Ela se estabelece a partir de informações obtidas através de canais informais

(cartas de parentes e amigos, conversas nas férias etc.). Assim, sabia-se que um parente, um conhecido estava bem em determinado local, e o fato de não terem regressado à comunidade de origem confirmava esta suposição positiva e era um indicativo de um caminho a ser seguido. Contudo, enquanto que a escolha do local de destino pode resultar de acontecimentos fortuitos, a escolha da moradia na cidade baseia-se em critérios mais objetivos, como a proximidade de parentes e conhecidos ou de trabalho.

Antes de mudar pra Jaraguá nós moramos em Luís Alves (SC), Cuiabá (MT) e também no Amazonas. Quando decidimos sair, o fato de que a família do meu marido já morava em Jaraguá foi decisivo. Foram esses parentes que arrumaram o primeiro emprego para ele em uma fábrica de essências, que depois trabalhou em uma malharia por vários anos (Ana, mora no Morro da Boa Vista desde 1987).

É que meus filhos já moravam em Jaraguá há vários anos e aqui era uma cidade boa de emprego. A gente também não tinha mais o que fazer em Lages e decidimos procurar emprego aqui. (...) Meus filhos conseguiram emprego com a ajuda de amigos e conhecidos. Naquela época a indicação era importante. Não é como hoje que tem um monte de papel para preencher, exames para fazer. Quando se indicava alguém para trabalhar era quase 100% que ele ia conseguir a vaga (Dona Berberina, mora no Morro da Boa Vista desde 1988).

O estabelecimento de uma rede de comunicação entre os migrantes e seus locais de origem freqüentemente orientava o processo migratório. Cartas, fotografias, cartões-postais, telefonemas etc., tinham papel importante para o fornecimento de dados e criação de um imaginário cultural do local de destino. Toda essa propaganda, incentivada em grande medida pelas empresas, ajudava

a consolidar a imagem positiva de Jaraguá do Sul.

A possibilidade de obter um emprego determinado não implica apenas em saber de sua existência, mas em conhecer o modo específico de disputá-lo ou de se qualificar para ele³. É apenas na medida em que ele consegue informações sobre as características concretas de determinadas ocupações que se orienta no sentido de tentar ocupá-las. Por isso, acaba dependendo da ajuda dos que já estão na cidade.

Um irmão meu tinha vindo antes e mandava notícias sempre pra lá. Nos finais de ano é que se juntava mais gente de Jaraguá lá e então era tempo de saber mais detalhes daqui, de onde arrumar emprego, onde morar, como se virar. Quando se indicava alguém pra trabalhar era certo que arrumava emprego. Com meu marido foi assim. Meu irmão arrumou pra ele na X e ele está lá até hoje (Dona Cleonice, mora no Morro da Pedra desde 1994).

Às vezes a pessoa já vinha com tudo, com mala e cuia como diz o ditado. Às vezes vinha só o homem e depois ia buscar a família. Assim ia. Meu cunhado veio com tudo. Meu sobrinho também porque eu arrumei uma casa pra ele. Depois veio a mulher dele e logo ela começou a trabalhar. A ajuda familiar na época era muito interessante porque além de você arrumar o lugar pra pessoa morar você também indicava o emprego. No emprego onde você trabalhava você indicava o amigo ou parente. Era assim. Tudo tinha que se ajudar, familiares, amigos, conhecidos, tudo. Porque quando se trata de família tanto faz a minha como a sua, do vizinho, tudo é família. Acho que toda ajuda de uma família pra outra é importante porque pode garantir a sobrevivência do pessoal na cidade. Era uma ajuda importante pra pessoa se estabilizar na época, se estruturar melhor, ter onde morar e conseguir emprego. Era assim que funcionava (Marcelino, mora no Morro da Pedra desde 1990).

MIGRAÇÃO E FAMÍLIA: A tessitura do “fio de Ariadne”

Na cidade a estrutura tradicional de relações familiares é alterada a partir da necessidade de incorporar as referências e linguagens do urbano, como condição de sobrevivência no novo lugar. Quase sempre, com o passar do tempo, vão afrouxando os laços de compadrio, e com os novos modos e hábitos reinventam o seu cotidiano nos espaços que ocupam. Entretanto, a terra do Paraná, por exemplo, deixa traços, marcas e indícios das origens no viver cotidiano dos novos moradores. Esses traços podem ser identificados no andar, nos gestos e no vocabulário.

A redefinição das pessoas e da família na estrutura urbana é vivida em meio à desagregação dos laços de solidariedade, à perda dos valores e ideais, que resultam numa sistemática desapropriação e reapropriação dos elementos de auto-reconhecimento. Da mesma forma, essas travessias possibilitam que as histórias individuais se cruzem com outras na constituição de movimentos que marcam as trajetórias dos migrantes na cidade.

A mudança para a cidade implica, para muitas dessas famílias, o rompimento com um modo de vida em que família e trabalho estão fortemente baseados na autoridade familiar do pai. Na situação industrial, ele perde o controle direto do processo produtivo de seus filhos. Família e trabalho são agora duas esferas autônomas que implicam também em regras de autoridade específicas e diferentes (Alvim, 1997: p.15).

Observa-se, então, de certa forma, a quebra da autoridade familiar, haja vista que nas comunidades rurais a família era a unidade produtiva. Era o pai quem distribuía as tarefas, dirigia o trabalho e recebia a remuneração. Na cidade, ao contrário, filhos e pais trabalham em lugares diferentes, em atividades independentes e recebem cada um o seu

salário. Desfaz-se deste modo o fundamento econômico da autoridade paterna. Mas as alterações na posição econômica relativa dos membros da família não se devem somente à individualização de trabalho. As oportunidades de trabalho favorecem de modos diversos jovens e velhos. São os chefes de família mais idosos que passam a ocupar os empregos menos remunerados e são os mais novos que conseguem melhores posições. Subverte-se assim, no campo econômico, a hierarquia doméstica, dificultando a manutenção da autoridade paterna nos moldes tradicionais.

Na cidade a prerrogativa em termos de subordinação – das mulheres aos homens, dos mais novos aos mais velhos – é invertida. Isso fica mais visível no caso dos filhos que vêm antes para a cidade e se tornam referências para os outros da família que vêm depois, ou seja, eles passam a depender daqueles para conseguirem emprego, documentos, enfim, se localizar e locomover nos “carreros” da cidade. Os mais velhos ou os que chegam depois, dependem deles para se inserirem nestes espaços, invertendo a relação de dominação presente no local de origem até o momento da migração. As regras de autoridade familiar, antes articuladas ao trabalho produtivo se modificam na passagem para o trabalho urbano.

Com alguma frequência, entretanto, escapar do ambiente familiar era justamente o objetivo de alguns migrantes. Para muitas mulheres, por exemplo, a migração podia ser vista como uma forma de livrar-se do domínio de pais ou maridos. Esposas abandonadas, mães solteiras ou simplesmente jovens insatisfeitas com sua situação familiar podiam encontrar no fluxo migratório uma sonhada perspectiva de fuga de um convívio considerado opressor. Para além da melhoria econômica, tratava-se também de “mudar de vida, libertar-se da influência paterna. A migração

transforma-se então numa libertação pessoal” (Fontes, 2002: p.73-74). Também nesses casos, porém, a migração era majoritariamente orientada através de contatos prévios e os lugares de destino eram, invariavelmente, regiões onde já residiam amigos, conterrâneos ou parentes. Contudo, mesmo com a reorganização das famílias na cidade, elas permanecem como o grupo doméstico responsável pelo bem-estar e a segurança econômica de seus membros e é o ponto de referência e o núcleo de reelaboração dos padrões de comportamento e das representações coletivas.

Certa imagem da migração, vista apenas como um movimento desordenado, “irracional”, feito às pressas, não corresponde à experiência de grande parte dos migrantes. A mudança, decisiva para a vida dos envolvidos, era, na maior parte das vezes, meticulosamente pensada e preparada da melhor forma possível, tanto no âmbito familiar como no da comunidade.

Eu vim com parte da minha família por falta de trabalho no Paraná. Muita gente vinha pra Jaraguá através de contatos com amigos que trabalhavam aqui. Eles sempre iam visitar a gente, mandavam recados e a gente sabia sobre Jaraguá. Quando cheguei fiquei morando na casa desse amigo e depois meus pais também vieram; esse amigo também me arrumou o primeiro emprego em uma fábrica de plásticos, onde trabalhei uns anos (Francisco, mora no Morro da Boa Vista desde 1992).

Em muitos casos, observamos o risco calculado do parcelamento provisório da família em migrar. Assim, jovens, solteiros, que mantinham contatos com amigos, parentes, conhecidos etc., geralmente são os primeiros a sair, mas mantêm laços sempre atados com a terra de origem. Muitas famílias, quando migram todos, deixam um pedaço de terra como garantia, para segurança no caso da empreitada não dar certo. A

migração sucessiva dos membros do grupo oferece a vantagem indiscutível de garantir a posição anterior enquanto se tenta estabelecer uma nova posição. Só com a consolidação dos membros no ambiente urbano é que se procede à migração dos outros e o abandono da posição ocupada na sociedade rural⁴.

A migração, mesmo a de jovens solteiros, em geral, não acarreta a dissolução completa dos laços com o grupo original. Em primeiro lugar porque ela acontece dentro de um movimento de relações formado na comunidade original. Em segundo porque, efetuada a migração, a comunidade de origem passa a apelar para os laços de solidariedade anterior, reforçando-os. O migrante passa a ser um ponto de contato entre a sociedade na qual se estabelece e a comunidade de origem. Familiares, parentes ou conterrâneos seguem-no na migração e o procuram para auxiliá-los a se estabelecerem-se na sociedade de destino.

Pra Jaraguá eu vim uma primeira vez em 1990, que foi quando eu trabalhei de ajudante de caminhão. Eu fiquei uns três anos aqui e voltei pro Paraná. Dois anos depois eu voltei e estou aqui no Morro da Pedra até hoje. Na primeira vez eu já tinha morado no Morro da Pedra (Seu Antônio, mora no Morro da Pedra desde 1994).

Conhecidos que moravam e trabalhavam em Jaraguá falavam muito da cidade. Eu sempre ia adiando a vinda, deixando prá depois, pensando que lá ia melhorar. Uns parentes e irmãos vieram antes. Um colega arrumou onde eu morar e também trabalhar. Eu vim e depois o resto da família. Um chamava o outro e assim todos foram saindo. Eu era solteiro na época. Me lembro que foram uns dez anos de cartas trocadas entre esses conhecidos, que foram jogadas fora há um ano. Hoje a gente se contata por telefone com quem ficou lá (Paulo, mora no Morro da Boa Vista desde 1991).

Para Lopes (2000: p. 80), é importante observar como as histórias de vida são construídas e vão se entrelaçando umas às outras. A mobilidade da força de trabalho alastra as experiências adquiridas durante os trajetos migratórios e ocupacionais. Os que saem primeiro em busca de emprego na cidade grande exercem a função de “ponteiros” para os que ficam no aguardo de um aceno positivo para também partir. Geralmente o pai, os irmãos mais velhos, ou algum outro membro da família, exercem o papel de rastreadores, de interpretes do mundo, enquanto a mãe e os filhos mais novos permanecem no local à espera de alguma notícia. Os “guias”, quando em terras estranhas, procuram contato com algum parente ou conhecido que já vive no lugar há algum tempo. Esses encontros servem para restabelecer os laços de parentesco, amizades, atualizar os acontecimentos e trocas de informações sobre emprego, custo de vida, moradia, e outras dicas importantes para quem acaba de chegar. Mediante esses encontros especulares são tecidas as redes de solidariedade que amenizam a dor e o sofrimento de quem está longe de casa.

Os atributos sócio-demográficos e sócio-ocupacionais expressos através da origem do migrante, o grau de desenvolvimento e complexidade da estrutura ocupacional das localidades de destino, o contexto conjuntural na partida e na chegada, o tempo de residência e de conhecimento das regras do jogo na cidade constituem, nesse sentido, fatores intervenientes que potencializam as facilidades ou dificuldades de inserção ocupacional. Assim, a existência de redes de relacionamentos familiares, pessoais, conhecidos etc., foi um dos motivos que mais contribuiu para que a escolha do local de destino recaísse sobre Jaraguá do Sul.

Aqui em Jaraguá do Sul eu já tinha uns parentes que vieram em 86 e 87. Naquela época a gente vinha passear na casa deles no final do ano ou eles

iam pra lá. Nessas horas é que se falava de como iam as coisas em cada lugar, se tinha emprego, se era fácil de conseguir, se tinha onde morar, essas coisas. Além das visitas a gente se falava por telefone. Carta também se mandava, mas era pouco. Eu morava a 64 km do centro da cidade e em 87 foi instalado um posto de serviço no patrimônio, com telefone, o que facilitou a vida da gente (Seu João, mora no Morro da Pedra desde 1989).

É neste momento de transição de um local a outro que a existência de redes sociais de parentesco, de vizinhança e de solidariedade tornam-se fundamentais para os migrantes recém-chegados. Através dessas redes, muitas famílias puderam se inserir de fato na nova comunidade. No caso do Morro da Pedra, habitado por um número considerável de migrantes de uma mesma região, isso facilitou a permanência de laços de parentesco, compadrio, vizinhança e solidariedade. O fato de vários membros da família viverem próximos uns dos outros, de algumas famílias se organizarem em unidades extensas, ou até de haver proximidade de conterrâneos e amigos de diáspora, possibilita a formação de uma rede de apoio, em que avós, tios, sogros, companheiros, cooperam com seus parentes, ajudando tomar conta dos filhos para que alguns pudessem trabalhar fora, na construção da moradia, dividindo o lote para construir mais casas, emprestando dinheiro, indicando empregos, etc.

A História de Marcelino ilustra isso. Ele trabalhava em uma empresa de pavimentação, viajando para aonde tinha serviço e chegou a Jaraguá do Sul em 1990 por acaso. Ele morava em Dois Vizinhos (PR), mas estava trabalhando para uma companhia de pavimentação em Guarapuava (PR). Quando acabou o serviço foi demitido e se mudou temporariamente para Curitiba para “ver se conseguia um emprego, que ali teria mais oportunidade. Como eu sempre

tinha trabalhado em firma eu pensava em ficar em Curitiba mesmo". Em Curitiba ficou sabendo, através de um jornal, que estavam precisando de gente para trabalhar na pavimentação da BR 280, que liga Corupá a São Bento do Sul, em Santa Catarina. Ele viajou, mas como era uma época de chuva não chegou a trabalhar. Em Jaraguá do Sul ficou quatro meses na casa de um amigo no Bairro Vila Rau, que lhe convenceu a permanecer e procurar emprego na empresa WEG, onde trabalhou três anos e meio, quando saiu e começou a trabalhar em uma indústria têxtil, onde trabalha até hoje.

Após conseguir ajuda para morar e trabalhar, Marcelino se transformou em uma espécie de guia de parentes e conhecidos, conseguindo moradia e emprego para muita gente⁵. Segundo ele, chegou a fazer propaganda no Paraná para trazer gente a pedido da empresa onde trabalhava.

De acordo com ele, a primeira ajuda era para conseguir uma maneira da pessoa que iria chegar ter onde morar. A segunda era arrumar emprego. Feito isso, era só telefonar para o interessado avisando, aguardar sua chegada e levá-lo na empresa, onde já estava tudo acertado. Contudo, se não arrumasse casa muita gente não vinha.

Era muito complicado você arrumar uma casa. Se você arrumava a casa você ligava pra pessoa, amigo, parente e dizia que estava tudo certo. Aí o cara vinha. Sobre emprego nem pedia, porque isso era certo. Era mais fácil. Era chegar e trabalhar. Se você chegava e garantia o cara nem se fala. Chegava, apresentava os documentos básicos, não tinha teste, não tinha nada. Ia lá, olhava o serviço, nem teste não fazia. Hoje faz teste, na época não fazia, aí já começava a trabalhar. É que faltava muita gente, o encarregado fazia umas perguntas e o cara trabalhava. O número de funcionários que faltavam era muito grande. Aí então a escolaridade não importava na época. Hoje se não tiver segundo grau não

entra em empresa nenhuma praticamente (Marcelino).

A família ampliada, como rede e local da memória, constitui o canal crucial entre os dois lugares. As redes informais de solidariedade constituídas nas ruas dos morros de Jaraguá do Sul vão desde coisas emprestadas, indicações para emprego e de lugares onde se pode conseguir documentos, ajuda financeira para os primeiros dias, cuidar dos filhos, um lugarzinho para morar, até convites para festas, bailes, jogos de futebol, etc.

Esses "ponteiros" são, por assim dizer, uma espécie de "fio de Ariadne", pois permitem que os migrantes permaneçam ligados aos mais próximos, aos conhecidos. (Lopes, 2000: p.80). A família e o grupo de parentes são os personagens que auxiliam na passagem do estilo de vida do rural para o urbano, colaborando nas reelaborações de representações no novo lugar, orientando na busca de empregos, na participação no novo universo cultural e dando suporte na interpretação de novas identidades (Lucena, 1999: p.50-51).

Lá a gente trabalhava na roça, mas não dava mais. A nossa terra lá era pequena, os preços não compensavam e estava tudo cada vez mais caro. Aí deu certo da gente já saber daqui por uns amigos que tinha vindo antes, né, que de lá veio bastante gente pra Jaraguá e alguns até tão aqui no morro. Foi se criando uma rede de propaganda entre o povo de lá sobre Jaraguá. Então um vinha e depois já chamava outro e assim ia. Quem já estava aqui ajudava quem chegava e se ia tocando a vida (Zélia, mora no Morro da Boa Vista desde 1986).

Meus irmãos já moravam aqui e por eles se ficava sabendo de Jaraguá, que aqui era bom de emprego, de serviço, menos de moradia. Os contatos com os conhecidos eram feitos de um posto de serviço com telefone que tinha lá perto da vila e sempre se trocava informações de como andavam as coisas lá e aqui. Alguns ligavam da firma pra gente e contava que aqui era

bom. Fiquei parada uns quinze dias e já consegui emprego. Eu posso dizer que nós se demos bem aqui em Jaraguá (Dona Alzira, mora no Morro da Pedra desde 1994).

Ou seja, um parente ou conhecido bem colocado era sempre considerado uma "agência de empregos" (Durham, 1984: p.211), uma referência, alguém que indica as oportunidades de emprego e dá apoio até conseguir estabelecer-se.

Frases como "lá se conhecia todo mundo", "tinha muito parente", "se juntava os conhecidos para o mutirão" etc., refletem a importância do grupo migrante de uma determinada comunidade na cidade. Esses conhecidos e conhecimentos são mobilizados de forma que os que estão chegando se sintam seguros na cidade. Essas ajudas são imprescindíveis para sobreviverem em locais e espaços que não conhecem, não dominam, mas que precisam conhecer e dominar urgentemente, pois do contrário isso pode significar a volta ao local de origem, o que pode demonstrar o fracasso do migrante, revelando sua incapacidade em lidar com o novo, com o desconhecido.

Nos morros, nos loteamentos, eles vão constituindo novos lugares e novas experiências. Seus relatos e experiências de vida revelam conflitos, relações culturais e mudanças vivenciadas no decorrer do tempo; uma vez inseridos no novo espaço, tentam transformá-lo à sua imagem e, ao mesmo tempo, integram-se à nova cultura através da arte de inventar tradições e da adoção de uma cultura plural.

Os parentes que eu tinha aqui muito me ajudaram no começo. Pra começar incentivaram bastante a vir. Depois ajudaram a conseguir os documentos necessários e emprego na WEG, onde entrei em abril de 89 e estou até hoje. Essa ajuda era importante e depois eu mesmo arrumei emprego pra umas dez pessoas da minha família que estavam no Paraná. O difícil era ter onde morar. Naquele tempo não se exigia muito

papel como hoje para se começar a trabalhar. Hoje o cara tem que fazer um monte de exame, ter experiência, escolaridade, tempo de cidade. Está bem mais complicado (Seu João).

O valor do vizinho ou do compadre na cultura popular não é traço meramente peculiar e que se chegaria ao cúmulo de considerar apenas pitoresco. É índice de que a casa não começa e termina na casa. Fazer vizinhança é fundamental para sua inserção na cidade, no morro. Se viver perto demais pode agravar o caráter intrusivo da convivência, com várias famílias vivendo em uma única casa, por exemplo, esta é uma possibilidade diante da falta de moradia nos primeiros meses da mudança.

Aqui no morro eu fiz umas sete ou oito mudanças. Era sempre procurando um lugar pra ficar, era casa de parente, de conhecido, era porão, era barraco, era de tudo. Tudo junto, amuntado nas casa e assim se ia vivendo. Não tinha outro jeito (Seu Antônio).

Apesar da falta de liberdade e privacidade, essas ajudas sempre são lembradas. São lembranças cheias de agradecimento por quem deu a mão na hora das privações, das necessidades e dos acidentes. Gente que cuidou dela, dos seus e dos outros. Essas são lembranças de relações, nas quais é notável a memória de reciprocidade e de iniciativas. São pessoas encarecidas não por lhe terem servido, mas por lhe terem solicitado e recebido os seus próprios serviços. A gratidão é pelo que se recebe: e o que se recebe, especialmente, é a oportunidade de ofertar também.

Por isso, segundo Golçalves Filho,

a generosidade dos outros é inesquecível. Vem como o cuidado que nos foi dedicado em situações de penúria. Vem finalmente como consentimento de nossa própria generosidade – é quando a generosidade dos outros consiste num apelo para que focalizemos não tanto a penúria, a

carência de uns e de outros, mas a generosidade de todos (...) há gente ali, reunindo-se, recebendo-se. Os edífícios são precários, mas abrigam as iniciativas de sua reforma. A precariedade mesma dos prédios, paradoxalmente, pode valer provisoriamente como um bem: ajuda ver que o mais sólido, ali, é a companhia dos outros homens, visão essencial para o ânimo de fabricar bairros (1998: p.24).

* **Anelmo Schörner é Doutor em História Cultural, Prof. de História da Universidade Regional de Blumenau.**

NOTAS

1 - Este texto é parte de nossa tese de doutoramento em História (Universidade Federal de Santa Catarina/2006), intitulada "A Pedra, o Migrante e o Morro: feridas narcísicas no coração de Jaraguá do Sul (SC) - 1980-2000".

2 - A expressão "escuro", na verdade, se refere ao fato deles não saberem o endereço do Compadre Alcides, o que lhe causou alguns contratempos na chegada. Ou seja, mesmo quando afirmam que vêm no "escuro" vêm na esperança de encontrar um "ponteiro" que lhes ajude, alguém a quem podem recorrer nos primeiros dias na cidade.

3 - A maioria dos moradores entrevistados no Morro da Boa Vista, por exemplo, têm empregos sem estabilidade. Em sua maioria são pintores autônomos, chapas, pedreiros, serventes de pedreiros, jardineiros, porteiros, vigias; as mulheres são serventes, ajudantes de produção em indústrias têxteis e trabalham em pequenas fábricas têxteis (as chamadas facções) próximas ao morro.

4 - Em apenas dois casos observamos a vinda de uma família inteira no mesmo momento. Foi o caso de Dona Maria Clara, Zélia e Seu Leopoldo, que migraram com mais sete pessoas de General Carneiro (PR) para Jaraguá do Sul em 1986, onde foram morar no Morro da Boa Vista, e de Maria Eva, que chegou com mais nove pessoas em 1990 e foram morar no Morro da Pedra.

5 - "Quando eu cheguei em Jaraguá já vim direto pro Morro da Pedra, que era um lugar mais barato de se comprar terreno e de gente conhecida. Antes de vir pra Jaraguá

eu estive no Mato Grosso, em Primavera do Leste, que fica perto de Cuiabá. Também já morei em Francisco Beltrão e Quedas do Iguaçu, no Paraná. Aqui eu vim pela indicação de um amigo, que hoje é meu vizinho, o Marcelino. Foi ele que me ajudou a comprar aqui. Ele foi o guia de muita gente até aqui" (Veroni, mora no Morro da Pedra desde 1992).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Rosilene
(1997) *A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro, Graphia.
- DURHAM, Eunice
(1984) *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva.
- FONTES, Paulo Roberto
(2002) *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Campinas, Unicamp. (Tese Doutorado em História).
- GONÇALVES FILHO, José Moura
(1998) "A memória da casa e a memória dos outros". *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, nº. 32, setembro-dezembro.
- LOPES, José Carlos
(2000) *A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril*. São Paulo, Hucitec.
- LUCENA, Célia Toledo
(1999) *Artes de lembrar e de inventar. (re)lembranças de migrantes*. São Paulo, Arte e Ciência.
- SCHÖRNER, Anelmo
(2000) *O arco-íris encoberto: Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas*. Joinville: Oficina Comunicações.
- SCHÖRNER, Anelmo
(2003) "Jaraguá do Sul: imagens criadas e realidades vividas versus as cores da realidade". *Boletim de História Demográfica/USP*, São Paulo, nº. 29, julho.
- SCHÖRNER, Anelmo e NODARI, Eunice Sueli
(2004) "Morro da Boa Vista: segregação social e exclusão territorial". *Fronteiras*, Florianópolis, nº. 12, julho.

PRIMEIRA IMPRESSÃO

O Rio de Janeiro visto por quem nele chegou de navio

Zoy Anastassakis *

Este artigo trata de uma investigação, iniciada em meu curso de graduação em desenho industrial, acerca da primeira impressão de imigrantes que chegaram à cidade do Rio de Janeiro por via marítima. Hoje retomo o material no mestrado em antropologia social do Museu Nacional -UFRJ.

“Como é o Rio de Janeiro para o estrangeiro que chega à cidade pela primeira vez num navio?” Era a pergunta que me fazia no projeto final do curso de graduação, em 1999. Assim, entrevistei alguns estrangeiros, perguntando qual era a primeira impressão que traziam na memória do momento de chegada.

Fiz 10 entrevistas pessoalmente e utilizei trechos de depoimentos de 23 imigrantes (judeus, árabes e europeus) do arquivo da Prof^a. Suzanne Worcman, do Departamento de Comunicação da UFRJ. Os meus entrevistados não formavam um grupo, eram pessoas que encontrei separadamente. Todos provinham da Europa, e haviam chegado ao Brasil depois da Segunda Guerra Mundial.

A idéia do projeto surgiu de um depoimento da arquiteta italiana Lina Bo Bardi: “Como é o Brasil para o europeu que desembarca pela primeira vez no Rio de Janeiro?” “Chegada ao Rio de Janeiro de navio em outubro. Deslumbre. Para quem chegava pelo mar, o Ministério da Edu-

cação e Cultura avançava como um grande navio branco e azul contra o céu.”

Eu buscava, através dessa pesquisa, encontrar novas maneiras de olhar a cidade do Rio de Janeiro, investigando-a como uma cidade vitrine do Brasil, uma cidade cartão-postal, cidade-imagem. O trabalho serviu como um pretexto para falar da cidade, para passear por ela com um olhar desnaturalizado. Nesse sentido, o depoimento de Lina Bo Bardi me deu a dica do que fazer. Ela havia chegado como imigrante, e essa distinção foi importante no trabalho. Decidi trabalhar com pessoas que tivessem vindo com o intuito de residir na cidade, e que tivessem chegado de navio.

Apesar de terem escolhido o Rio de Janeiro, na sua grande maioria, as pessoas que entrevistei não traziam uma imagem definida da cidade. Ao chegarem, elas pouco sabiam. Fala-se do Pão de Açúcar, do Corcovado e das praias, como idéias prévias. Primeiras visões: a entrada na Baía de Guanabara, o perfil da cidade. A chegada no porto. Desembarque. Depois, surge o centro, a começar pelo próprio porto e pela Praça Mauá, seguidos pela Av. Rio Branco, Rua da Alfândega e Av. Presidente Vargas. Em seguida, aparece a Zona Sul. As praias, os monumentos naturais, os bairros e sua movimentação. Pouco se falou da Zona Norte. Um grande número de depoimentos não se referia

a lugares da cidade, mas aos seus modos de ser, à culinária, ao clima, aos modos de vestir, aos meios de transporte.

Partindo da pesquisa realizada na graduação, ampliando e recontextualizando as questões, problematizo algumas delas à luz da antropologia. Foco este artigo na percepção de novos contextos (tal como a chegada a uma nova cidade, a um novo país), onde a linguagem e a gramática (em um sentido mais amplo) não são dominadas, fazendo com que a comunicação seja, principalmente, mediada pelo corpo – por seus sentidos.

Tomo a situação de chegada como um momento em que a falta de domínio da linguagem verbal cria uma situação ‘boa para pensar’ como se dá a comunicação em contextos atípicos. No texto, atento também para a questão das felicidades e infelicidades (nos termos de Austin, 1962) vividas no momento de chegada, para a observação de como se opera a percepção e a adaptação a um mundo estruturado diferentemente do da ‘terra natal’. Ou seja, busco refletir sobre os modos como as pessoas operam os deslocamentos de sentido que experimentam a partir da imigração.

Desse modo, pretendo reavaliar os depoimentos colhidos em 1999, buscando dentro do próprio discurso encontrar vestígios que me ajudem a reconstituir os contextos em que se deu a imigração para as pessoas com quem

travei contato.

O RITUAL DE CHEGADA

Emigrar é um evento crítico na vida de uma pessoa, um momento necessariamente percebido como diferente do cotidiano, como extraordinário. Nesse momento ritual, o sujeito, muitas vezes, encontra-se desprovido de sua maior arma, a comunicação verbal. A necessidade urgente de decodificar a nova realidade provoca um estado de sensibilidade excessiva. O silêncio aguça os sentidos. A comunicação ocorre, mas os meios normais não estão à mão.

Como 'se virar', então, para quebrar a barreira do silêncio? Nas palavras de Malinowski, "romper o silêncio é necessário para superar a estranha e desagradável tensão que os homens sentem quando se defrontam em silêncio" (1930).

O momento da chegada é analisado neste trabalho através das marcas deixadas no corpo. Sem esquecer que a experiência é vivida através da soma de todos os sentidos, efetua uma separação entre os cinco sentidos que me parece analiticamente produtiva.

DESEMBARQUE

Os entrevistados me contaram das felicidades e das infelicidades que envolveram sua chegada ao Rio de Janeiro. Para alguns, a chegada e a integração à nova cidade se deu com facilidade; para outros, foi uma sequência de desastres, mal-entendidos, desencontros.

Muitos repetiam que consideravam uma vitória o fato de terem chegado aqui e se estabelecido com sucesso. A grande maioria, veio em decorrência de guerras, por necessidade de deixar seu país e buscar um novo lugar para viver em paz. Não deviam contar com

muitas alternativas, a vida tinha que dar certo. Era mister se adaptar ao novo modo de vida, estabelecer-se, criar vínculos, uma vez que não havia possibilidade de volta.

Isso foi algo que me impressionou nos depoimentos: a necessidade de afirmação e reafirmação do êxito, do sucesso. Como se quisessem me dizer de um final feliz. Claro que os caminhos foram cheios de percalços, e é nesses casos que as histórias ficam interessantes. As voltas que essas pessoas tiveram que dar para alcançarem seus objetivos, livrando-se dos infortúnios, falam delas, de onde elas vieram e de quem elas são.

A primeira pessoa que entrevistei foi Maria Baranowska, polonesa, nascida em 1917. Em 1946, chegou ao Brasil, sozinha. Hoje vive como governanta (aposentada) numa mansão do Alto da Boa Vista. Fui a primeira pessoa a lhe fazer uma visita pessoal no Brasil.

Quando cheguei à casa em que trabalha, a encontrei eufórica, andando de um lado para o outro, com um vaso de orquídeas na mão. Nos sentamos pra conversar, e ela me ofereceu as orquídeas de presente. Aos poucos, durante nossa conversa, misturou várias línguas, português, francês, inglês e polonês. Repetidamente, desculpava-se por isso, mas voltava a se embaralhar. O que entendia, eu ia anotando. Foi uma conversa muito emocionada. Provavelmente, foi a primeira vez em que ela falava sobre a sua chegada.

"Primeira coisa, vou te dizer, cheguei no Brasil de noite, mais ou menos. Ilha das Flores, fomos pra lá. Dia seguinte fui mostrada pelos companheiros de viagem a um senhor simpático, mas ele não falava outras línguas, e nós estávamos todos numa única língua, pessoas de todas as línguas. Então, de repente, eu vejo, apreciei o tal simpático, e todo mundo cumprimentando, recebendo, e dizem,

eu ouço dizer, a voz de uma das senhoras dizendo: "Não, ela fala várias línguas, ela é sozinha, não tem ninguém, portanto ela pode lhe ajudar na certa. Vamos falar com ela." E me chamam. Ela sou eu! Aí eu digo 'tudo bem', até achei muito bom pra mim porque assim eu aprendo logo de princípio as coisas de um povo, dessa beleza de verde natureza, que eu já conheci da Polônia (porque eu sou polonesa) pelo professor da escola, que Brasil tem... e ele encucou, coisas sobre Amazônia, ele dizia sempre que quem quer ver o mundo começa pela Amazônia. E eu já estava aqui... Então, começamos o trabalho que era registrar todos os imigrantes aqui."

O trecho acima nos informa da chegada em si, do desembarque do navio, dos primeiros momentos passados em terra e da situação burocrática que se seguiu. Ela começou: "primeira coisa, vou te dizer:". Assim, ela anunciou que ia me contar uma história, a primeira coisa que ela lembrava ter vivido no Brasil.

A sequência dos verbos utilizados por ela nos resume a cena: 'cheguei', 'fomos', 'fui mostrada', 'estávamos', 'eu vejo', 'apreciei', 'todo mundo cumprimentando', 'recebendo', 'dizem', 'ouço', 'me chamam', 'sou eu', 'achei', 'aprendo', 'conheci', 'eu já estava aqui', 'então começamos o trabalho'.

Ela chegava a um lugar novo, sozinha, mas foi notada por falar várias línguas. Ou seja, ela tinha 'utilidade' por dominar vários códigos de comunicação. Por conta disso, foi convidada a ajudar no registro dos passageiros que haviam chegado no mesmo navio que ela. Ela ressaltou que, apesar de 'serem' de várias línguas diferentes, os passageiros tinham uma língua comum na qual se comunicavam.

Mas o tal senhor simpático, provavelmente funcionário da alfândega brasileira, só falava português. Logo, alguém que, mesmo não falando o

português, se comunicasse com os passageiros e que tivesse demonstrado facilidade para o aprendizado de línguas, seria de grande valor. Ela logo demonstrou interesse em ocupar o posto para o qual fora designada. Afinal, assim, ela poderia aprender, conhecer as pessoas, o jeito daqui.

Mucha se valeu do domínio de diversas línguas para introduzir-se na nova realidade social. Sozinha, sem nada a perder, ela precisava se integrar ao ambiente local. Como ela mesma contou, a situação não devia ser das mais fáceis. "Porque compreenda, chega uma quantidade de pessoas que não eram muito esperadas, porque era depois da Guerra e todos os países eram um pouco atingidos. Acabou em 45. Acabou, mas em todo o caso, aqueles restos chegaram."

Mucha demonstrou ter vencido rapidamente as dificuldades que a situação apresentava. No fim da nossa conversa, ela me revelou que se sentira feliz em ter chegado ao Brasil. Ela disse: "Eu achei, com certeza, que tinha chegado exatamente onde eu queria."

Wadih Jorge Bedran, imigrante libanês, não teve a mesma sorte. Ele contou a Suzanne Worcman: "Eu, eu não, quando eu cheguei, ninguém foi me buscar." Ele havia saído do Líbano para encontrar a mãe, que já estava no Brasil, mas seus irmãos não escreveram, avisando a mãe da chegada do filho.

Wadih achava que encontraria sua mãe no porto, mas ninguém apareceu. Ele ensaiou se desesperar, mas foi incentivado por alguns 'patrícios' a ir com eles a um hotel na Praça da República, onde se hospedavam libaneses recém-chegados de Beirute. Eles lhe disseram: "Venha aí! Vamos nós! Vamos tudo!" Ele foi. "Peguei, e vim com eles." Foi perguntando sobre sua mãe a todos os libaneses que

encontrava (pessoas com quem ele dividia o mesmo código de comunicação), e após algum tempo encontrou pessoas que a conheciam e o levaram ao encontro dela. Assim, sua situação 'se resolveu'. Mais uma vez, o domínio da língua foi o promotor de 'finais felizes'.

O italiano Jean Marcovaldi já era esperado quando chegou no Porto do Rio de Janeiro. "Portanto, a minha vinda aqui no Brasil não foi uma aventura total, eu não me considerava um imigrante que vinha sem saber o que ia acontecer com ele, entende?! A minha família, como já dito, tinha esses parentes aqui, e foi a eles que eu pedi se podiam me chamar para vir no Brasil."

Além disso, aprendeu rapidamente a falar o português. "Naturalmente, eu tinha que começar a falar português de qualquer maneira!" Quando lhe perguntei sobre as primeiras impressões, a resposta foi: "Se eu volto atrás e tento me lembrar do que eu poderia pensar do Brasil, o Brasil era um país muito longe, muito afastado, pouco conhecido pra mim, não tinha condições de imaginar. Nem que tivesse ouvido falar que o Rio de Janeiro, particularmente, era uma cidade bonita, mas era toda uma coisa abstrata, sem base nenhuma... Mas, como Mucha ele afirmou que sentia ter chegado onde queria. "Para mim, a chegada no Brasil foi altamente positiva!"

Simão Fraifeld não foi tão feliz: "Cheguei no Rio. Cheguei com uma roupa bem quente, quente. Na Europa era clima...clima de Brasil mudou, mudou. Naquela época, era uma coisa louca, em dezembro... Chorei como uma criança, mas que podia fazer? Não podia voltar." Para esse judeu russo, o desconforto com o clima foi a gota d'água. Corria o ano de 1922. Por razões políticas ou econômicas, ele não podia retornar ao seu país de origem.

A judia romena Sarah Frant, ao contrário, logo se familiarizou com a vida no Rio de Janeiro. "Nós aqui chegamos, devagarinho a gente se adaptou e gostamos. Parece que eu nasci aqui. Eu fui gostando do Rio, fui gostando do povo. E comecei a trabalhar."

A CIDADE E OS CINCO SENTIDOS

A seguir, proponho observarmos alguns depoimentos que se referem mais especificamente aos sentidos do corpo humano. Quando chegaram, os imigrantes não falavam a língua, logo, tiveram a comunicação necessariamente mediada pelos sentidos e/ou por interlocutores.

A maioria das respostas sobre a primeira impressão fala da visão. Em outras palavras, o sentido selecionado pelos entrevistados, a fim de dar conta da impressão, foi a visão. Assim, podemos concluir que alguns sentidos são mais privilegiados, ou seja, que há uma hierarquia nas suas propriedades, ou, pelo menos, na importância que as pessoas atribuem a essas propriedades.

Em seu texto "*De la relation entre signes visuels et auditifs*", Jakobson (1973) discute as relações estruturais e perceptivas existentes entre os signos visuais e os auditivos. Ele afirma que essas formas de percepção não diferem em termos de importância, mas de função. Na nossa vida cotidiana, os signos visuais são mais reconhecíveis e utilizados que os auditivos.

Visão

Apesar de ter perguntado sobre as impressões da chegada, os entrevistados, em sua maioria, respondiam sobre as imagens (visuais) que retinham na memória. É desnecessário ressaltar que no fundo, quando perguntava sobre impressões, eu também pensava em imagens (que eram, na época, o meu instrumental de

trabalho). A predileção pelo visual estava implícita nas minhas perguntas, e no que eu desejava obter daqueles depoimentos. Com certeza, ela induzia a um certo tipo de resposta.

Muitas respostas começavam assim: 'a primeira coisa que eu vi...'. É fundamental considerar o fato de que todos os entrevistados haviam chegado de navio. A maioria deve ter feito viagens longas, de pelo menos uma semana em mar aberto. A aproximação da costa devia ser um momento de grande euforia a bordo. Deixava-se para trás a imensidão azul, vislumbrava-se terra firme, e as possibilidades de uma nova vida. Havia com certeza muita expectativa com relação ao Brasil, um país muito diferente da Europa, de Israel ou do Líbano, de onde vinha a grande maioria dos entrevistados.

Outro fator importante é que todos vinham para fixar residência, então, a expectativa devia ser redobrada.... Talvez, por isso, as imagens que falam da felicidade e da beleza do instante de chegada tenham surgido tão frequentemente. Ao contarem o primeiro momento de aproximação da cidade, os entrevistados estavam, de fato, tentando dar conta de responder à minha pergunta sobre a primeiríssima impressão.

"Primeira impressão que tive do barco, lá do alto: todas as cabecinhas pretas, para mim eram todas pretas, e guarda-chuvas. Porque fazia sol, mas todo mundo estava de guarda-chuvas pretos. Todos esses guarda-chuvas pretos!" Dona Wanda, imigrante italiana, parece ter se impressionado bastante com esses guarda-chuvas pretos. Afinal, fazia calor, as pessoas 'deveriam' estar usando guarda-sóis claros, não guarda-chuvas escuros. A cor preta talvez a tenha feito pensar em algo fúnebre, enterros, morte, luto. Essa não era uma imagem condizente

com uma cena que se passava num dia quente, à beira-mar, num país tropical. Provavelmente, essa cena lhe impressionou mais do que outras por não se enquadrar no rol de imagens que ela contava encontrar no Brasil, por lhe parecer um paradoxo.

Além disso, ela ressalta que as cabecinhas eram todas pretas. Ou seja, as pessoas eram em sua maioria morenas ou negras, de cor e cabelos escuros. Do navio, ela via uma massa de cabeças e guarda-chuvas pretos. Talvez isso a tenha deixado um pouco aflita.

Elias Belassiano, libanês, também fala de cores, e de luzes. Copacabana lhe trouxe à lembrança uma jóia, um colar de pérolas. Uma imagem de riqueza, valor. Como se as luzes lhe dissessem: 'aqui você poderá encontrar a fortuna.'

Ele também se espanta com o verde das montanhas da cidade. Uma paisagem diferente daquelas com que ele estava familiarizado, no Líbano, seu país de origem. Belassiano acha graça de algo que é característico dessa cidade, a relação mar e montanha, cidade e natureza. "Eu achei engraçado! A Av. Atlântica era, tinha começado naquele tempo. Tinha aquelas lâmpadas todas, parecia até um cordão de pérola bonita. Todas acesas. As lâmpadas todas acesas. Aquele lugar todo aceso. Eu fiquei até pasmado com aquilo, que beleza! Tudo muito diferente do que eu estava acostumado, não sei te dizer, eu devo ter reparado, assim, bastante verde, porque essa é uma das coisas do Rio, sempre se pode ver um pedacinho de morro, aqui, acolá."

A exuberância da natureza e sua proximidade com a cidade também impressionaram Sarah Frant. Na casa da irmã, ela via o mar pela janela. "Depois as praias, a minha irmã mais velha estava morando no Flamengo e

se via o mar da janela. Fiquei impressionada com essa vista e depois outras praias!"

Essa judia romena, que a princípio foi morar no subúrbio, assim que encontrou uma oportunidade mudou-se para a Zona Sul. Ela queria morar perto do mar. Vendeu a farmácia que tinha comprado com o marido, e passou a trabalhar como vendedora de jóias, nos prédios dos ministérios, no centro da cidade.

Sidonie Feith veio da República Tcheca em 1940. Assim como a maioria dos entrevistados, ela me contou ter se sentido feliz com a chegada. "Mas quando eu vi, no navio, à primeira vista, eu fiquei tão feliz, eu vi de longe umas palmeiras e casas brancas, eu fiquei tão feliz. Achei tudo bonito. Muito bonito. Disse: 'Deve ser... Vai ser uma vida boa, não?' Só tinha pena dos outros que ficaram lá."

É importante ressaltar que a Europa encontrava-se em guerra nessa época, logo, as pessoas com quem conversei vinham para cá fugindo de situações muito desfavoráveis. Muitas haviam perdido tudo o que tinham, as famílias, os bens etc. O novo país representava a esperança de uma vida em paz, de uma nova vida. Casas e palmeiras tranquilizaram essa imigrante judia, pois lhe diziam que ela havia chegado num país que não estava em guerra. As casas eram brancas e havia palmeiras que apontavam para o céu. Talvez esse tenha sido o primeiro sinal de que o terror da guerra havia sido deixado para trás.

Tato

Encontrei três pontos de destaque no que se refere ao tato. Primeiramente, as dificuldades de adaptação com o clima quente e úmido, que se desenrolam para problemas de pele (picadas de insetos, mordidas, alergias). Em seguida, noto

o espanto de alguns entrevistados com a diferença do comportamento corporal - o 'calor humano'. "Cheguei no Brasil no dia 23 de dezembro. Dia quente, muito quente. Pra mim tudo era novidade. O clima diferente, as pessoas diferentes."

Outro 'paradoxo': apesar do calor, as pessoas se vestiam com roupas quentes, à moda européia. Moszek Niskier foi repreendido pelo irmão, que já morava aqui, por desembarcar sem paletó. Ele não entendeu a obrigatoriedade do terno num dia tão quente. "No dia 08/11/1936 cheguei ao Rio. Coloquei uma calça clara, que se usava muito na Europa, e uma camisa leve e simples. Fazia um calor desgraçado! Quando desembarquei, meu irmão, que estava me esperando, perguntou: "Você não trouxe paletó?" Achei tão estranho, porque fazia um calor de quarenta graus, mas tinha que usar paletó, gravata, chapéu, tudo!"

Até no cinema, o terno era obrigatório. Jules Roger Sauer teve que improvisar um terno para assistir a um filme. Além disso, as salas de cinema deviam ser quentíssimas, pois, obviamente, em 1936 não havia refrigeração. "Me lembro que logo no segundo dia fizeram uma vaquinha e pagaram o meu cinema, quatrocentos réis. Me arranjaram gravata, paletó, que eram obrigatórios para entrar no cinema. Eu de gravata... Fazia um calor desgraçado! Era um país gozadíssimo!"

Eva Nussenbaum suou de nervoso. Ela se perdeu indo levar o almoço para o marido, no trabalho, e não falava português. "Na primeira vez que eu saí para levar o almoço, com o Samuel, meu filho, no colo e a sacola de comida, tomei o bonde errado. Eu não falava nenhuma palavra de português. Fui parar na Praça Tiradentes. Não sabia mais onde entrar. Fui ficando nervosa. Eu suava em bicas..."

Simão Fraifeld ficou tão assustado com o calor do mês de dezembro, que quis voltar para a Rússia. Afinal para quem saía de um inverno num dos países mais frios do mundo, não deve ter sido nada fácil suportar o verão brasileiro.

Os conhecidos da mãe de Wadih Bedran ficaram eufóricos quando lhe encontraram, num hotel para libaneses do Centro. A acolhida foi calorosa: "Quando subi, falei com eles que eu sou Wadih Bedran, o Wadih Jorge Bedran. A minha mãe está aqui no Brasil, não sei o que... Ih! Ih! Que loucura, me beijavam, me mordiam... 'Sua mamãe está aqui.'" Ser beijado e mordido, foi uma loucura! A felicidade manifesta em contato físico impressionou o rapaz, que perambulava sozinho e assustado à procura de sua mãe, sem falar português.

O clima tropical traz inconvenientes mais sérios: doenças transmitidas por insetos que picam, coçam, incomodam, assustam. Sidonie Feith reclama dos mosquitos e de 'coisas' que ela encontrou no subúrbio de Madureira: "Primeiro fomos pra Madureira. E lá as duas meninas ficaram muito doentes. Uma delas pisou em cima de uma coisa, ficou toda pálida, sabe? Mas em Olaria foi ruim, que lá só tinha muitos mosquitos, enormes. Elas ficaram todas arranhadas de tanto coçar."

Eva Nussenbaum se desesperava com percevejos e com o calor, a ponto de ter adquirido o hábito de um banho de mar noturno. "Como nós sofríamos naquele lugar, com percevejos! Sabe o que nós fazíamos? Às 3 da madrugada, nós íamos para a Praça Quinze, onde a gente ficava nas pedras tomando banho de mar. Nós íamos a pé, porque em casa a gente não aguentava!"

O Centro ainda era um lugar onde as pessoas moravam. Era possível se

deitar nas pedras e se banhar...

Paladar

Muitos dos entrevistados lembraram do susto inicial com o que se comia por aqui. Alguns se impressionaram com a fartura, que não conheciam em suas terras; outros não se adaptaram às comidas típicas brasileiras. Os símbolos da comida brasileira que aparecem, repetidamente, em vários depoimentos são a banana, o feijão e o café.

D. Wanda, uma italiana, se espantou com mais um intrigante 'paradoxo': se o Brasil é o país do café, porque então o café tomado aqui é tão ruim? "Tomamos um café numa cafeteria, péssimo o café! Achei péssimo! Em comparação ao café italiano, já tínhamos café expresso maravilhoso! Esse café que vinha numa coisa grande, chafé, horrível!"

Constantin Georgakopoulos só tomava café 'à força'. Assim como D. Wanda, ele não podia entender que o café aqui fosse 'chafé'. "Eu descia de manhã em baixo, aí eu tomava café, era obrigado a tomar café. Obrigado a tomar café, senhora!"

O feijão assustou muita gente. Vários entrevistados não entenderam o que era aquela comida preta. Alguns nunca conseguiram deixar de sentir um grande incômodo com esse prato tão comum entre os brasileiros. "Minha mulher não conhecia o que era feijão, feijão lá não era preto. Chegou na cozinha, ela viu a panela preta, chamou a cunhada dela e falou: - 'Oh, Lili, venha ver, feijão queimou!', a outra correu. - 'Como queimou? Não deu tempo pra queimar!' - 'Olha, aqui tá preto. Queimou!' - 'Isso aqui não é queimou, não! É feijão preto que a gente come!' A gente não queria comer naquela época feijão preto. Que é isso aqui? Não é bonito! O nosso feijão era diferente, era branco ou roxo. Feijão

preto, não!”

Samuel Rozenberg é um desses que nunca conseguiu comer um prato de feijão. “A primeira refeição não vou esquecer nunca. Eu fiquei repugnado! Puseram uma bacia de um líquido negro na mesa. Aquilo, só de olhar fiquei com náusea! Vim a saber que aquilo era feijão. Aquele alimento preto me fez torcer o nariz!”

Jean Marcovaldi estava tão feliz de poder comer à vontade, que chegou a comer coisas que nem ele mesmo acredita... “Uma das primeiras impressões minhas e dos outros era da necessidade de me refazer da grande fome que nós passamos, e eu também, no último período da Guerra, principalmente. Eu desforrava, levantava à noite, ía na geladeira e comia mesmo. Bebia, comia coisas que hoje acho horríveis. Desde pegar um pão francês, cortar no meio, pegar uma manteiga endurecida pela geladeira e fazer uma fatia grossa, como se fosse um queijo, e colocar no pão e comer aquilo, achar aquilo a maior delícia da vida.”

O grego que tomava café obrigado, comia à vontade dúzias de bananas. “Tinha uma firma de um português, que vendia bananas, e eu nunca vi! Eu vi banana na loja, mas nunca uma loja de bananas, né? Aí eu olhei, banana, banana, banana na Europa era caríssimo! Não, hoje que tem transporte, frigoríficos, né? Olhei pra ele, e ele logo me deu um cacho! Me deu, assim, no mínimo, duas, três dúzias! Assim!”

Impressionou-lhe a fatura, o preço, o fato de que o comerciante lhe dava bananas de graça. “Eles me ofereciam muita banana. E como eu não fiz muita festa, eles ficaram espantados: ‘Puxa, como é que um camarada rejeita banana?’ Eles ficaram espantados: ‘Que imigrante meio esquisito é esse?’”

Audição

Outra diferença marcada pelos depoimentos: no Brasil, as pessoas gritam, esbravejam, falam nas ruas em alto e bom som. “Na Av. Rio Branco, vi gente em grupos, conversando, gesticulando e falando alto! E os bondes eram todos abertos, o cobrador andava em volta das pessoas e gritava: ‘Faz o obséquio! Faz o obséquio!’” “E era toda a gente que fazia um barulho, uma gritaria: Oh!, Uh!, Oh!, Uh!... Cantavam!”

Jean Marcovaldi vibrou com a acolhida calorosa. Quando o navio se aproximava do porto, uma turba de parentes vinha do outro lado, em pequenos barcos, gritando, aplaudindo, festejando a chegada dos familiares. “Então houve essa cena muito bonita, no sentido de que o navio vinha, na mesma hora saíam do cais todos os barcos cheios de parentes, cheios de gente rindo, chorando, aplaudindo, gritando os nomes de cada um...”

Olfato

Poucos depoimentos se remetem ao olfato. Esse sentido só aparece quando relacionado ao carnaval. Nessa ocasião, as ruas cheiram a lança-perfume. “Chegamos aqui num sábado de manhã, uma semana antes do carnaval. Eu achei gozado que disseram: ‘Eh... Vocês vão ser recebidos por bandas de carnaval e vocês vão ver que as ruas são perfumadas...’”

Afinal, durante o carnaval, toda a cidade se transforma. Chegar ao Brasil num dia de carnaval, foi o que aconteceu a Stephan Wohl. Ele parece ter se divertido, mas sua mãe não. “Acho que as primeiras pessoas que eu vi foram uns piratas, andando na rua, cantando: ‘Eu sou o pirata da perna de pau...’”. São minhas primeiras memórias. Naquele tempo, o carnaval começava muito antes. Jogavam lança-

perfume nas pernas das pessoas. Minha mãe queria ir embora para a Palestina.”

POR FIM

Em um depoimento encontrado no livro “Invenção do Brasil”, Lina Bo Bardi (1997), arquiteta italiana, sintetiza um pouco das impressões retidas na memória dos imigrantes entrevistados: “Chegada ao Rio de Janeiro de navio em outubro. Deslumbre. Para quem chegava pelo mar, o Ministério da Educação e Saúde avançava como um grande navio branco e azul contra o céu. Primeira mensagem de paz após o dilúvio da Segunda Guerra Mundial. Me senti num país inimaginável, onde tudo era possível. Me senti feliz, e o Rio não tinha ruínas.”

Na visão desses imigrantes, o Brasil representava um lugar para se construir algo, uma nova vida.

* **Zoy Anastassakis é Designer Gráfica - Escola Superior de Desenho Industrial/UERJ e Mestranda em Antropologia Social - PPGAS/ Museu Nacional/UFRJ.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. L.
(1962) *How to do things with words*.
Harvard: Harvard Univ. Press.
- BARDI, Lina Bo
(1997) “Memos: Lina Bo Bardi”. In:
Invenção do Brasil. Uma publicação
do Museu Aberto do Descobrimento.
- JAKOBSON, Roman
(1973) “De la relation entre signes
visuels et auditifs”. In: *Essais de
linguistique générale II*. Paris: Éditions
de Minuit.
- MALINOWSKI, Bronislaw
(1930) “The problem of meaning in
primitive languages”. In: OGDEN, C.K.
& RICHARDS, I. A. *The meaning of
meaning: a study of the influence of
language upon thought and of the
science of symbolism*. London: Kegan
Paul. Trench. Trubner & Co. Ltd.

Hospitalidade a qualquer hora, Hospitalidade a qualquer tempo!

Dolly Khouri *

Marielys Siqueira Bueno **

“Hospitalidade é o primeiro passo para a alteridade, primeiro grau de compromisso, uma despesa que permite dilatar ou se contrair, multiplicar as relações no seu interior ou circular na direção de outros grupos” (Anne Gotman, 2001).

C

omo parece haver um consenso em considerar os libaneses como um povo hospitaleiro, o objetivo desse artigo é apontar, entre os imigrantes libaneses na cidade de São Paulo, a transferência e as adaptações de usos e costumes dos seus padrões de hospitalidade.

Definindo hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento, Isabel Baptista (2002, p.158) dimensiona toda sua importância ao afirmar: “Ao tentar sublinhar a dimensão ética da hospitalidade procura-se evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade em que, do nosso ponto de vista, surgem a consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária”.

Ao sublinhar a necessidade de criar lugares de hospitalidade Isabel Baptista confirma a importância da comensalidade. No imaginário, tanto individual quanto coletivo o compartilhar iguarias, refeições é um dos mais fortes símbolos da hospitalidade.

É justamente a comensalidade o aspecto de maior destaque e fundamental na hospitalidade libanesa, uma dimensão cultural que se ritualiza para criar uma rede de sociabilidade entre as pessoas. O acolhimento, os prazeres da mesa que se proporciona aos convivas nessas ocasiões constituem os grandes momentos de sociabilidade.

O *Dictionnaire historique de la langue française*, Le Robert diz que comensalidade é formada pela palavra latina ‘*mensa*’ (mesa) e do prefixo

'cum' qualificando assim pessoas que comem na mesma mesa. Porém, acrescenta que *mensa*, em sua origem, designava um bolo sagrado, redondo, cortado em quatro pedaços sobre os quais se dispunham oferendas aos deuses.

De certa forma a palavra guarda este sentido especial pois a comensalidade é uma forma de celebração da "mesa" como expressão dos laços de convivialidade pela atmosfera de confiança, de alegria favorecida pelas iguarias e bebidas.

O peso simbólico da comensalidade como construtor de laços sociais levou Jean-Jacques Boutaud (2004, p.1712) a reconhecer todo seu poder de encantamento, de fascinação e de entretenimento e por isso tudo ele confere ao espaço comensal um lugar central de expressão de identidade.

Para Yves Schemel (2004, p. 1685) os convidados aprendem em meio às bebidas, conversas e comidas, o que dá sentido ao convívio e sua importância sob o ângulo da jovialidade e da descontração. Ele diz que pode se arriscar a dizer que uma das formas mais reconhecidas de hospitalidade, em todas as culturas e em todas as épocas, é o compartilhar a "mesa". Ainda segundo o ponto de vista de Schemel, o compartilhar se desdobra no tempo – aquilo que é recebido hoje será oferecido amanhã – os convidados serão anfitriões por sua vez. Melhor que qualquer promessa de lealdade, "a mesa" torna visível uma rede de solidariedade.

A etiqueta na cultura libanesa evidencia que a satisfação do hóspede, especialmente na refeição, tem importância vital para o anfitrião e não se aceita que a alimentação fique fora do contexto da hospitalidade. O banquetear, festejar, encantar, estabelecer e/ou manter

vínculos através do contato na refeição, ou seja, da comensalidade, é o ponto central da vida social libanesa. "Plutarco notava que a 'supressão da alimentação é a dissolução da casa'; dando toda extensão a esse comentário, deve-se completar a afirmação indicando que o que une a mesa é a estruturação social. Sem o alimento, a casa não é nada" (Maffesolli, 2002, p.134).

Os libaneses focalizados neste artigo¹ chegaram ao Brasil no período de 1973 a 1992, em sua maioria fugindo da guerra civil. Contaram com uma rede de apoio formada por libaneses já instalados - a maioria familiares - e esse contato facilitou uma manutenção de padrões de sociabilidade de seu país de origem.

Maya, uma entrevistada, conta seu choque por ter sido arrancada de sua pátria de uma hora para outra e enfatiza o fato de ter perdido sua residência que permanecia sempre aberta para receber amigos – um grande número, "muitos amigos mesmo". Diz que o sofrimento foi tão grande que resultou em uma doença crônica. Seu depoimento aponta para a força da tradição de hospitalidade, da convivialidade libanesa "a casa sempre aberta para receber amigos".

Se, por um lado, foi particularmente doloroso abandonar os amigos, este traço cultural foi um dos aspectos que os ajudou na integração na nova pátria. Outra depoente, Leyla, é um exemplo emblemático. Sua casa permanece aberta e todos os seus amigos conhecem e praticam o costume libanês de chegar sem avisar. Leyla já deixa vários alimentos pré-preparados, que 'rapidinho, rapidinho', como costuma dizer, prepara uma mesa farta, gostosa e bonita. Confessa que fica feliz por ser elogiada pela sua agilidade e pela sua

deliciosa comida.

Por sua vez, o depoimento de Nour, ao mesmo tempo em que confirma a tradição do acolhimento com mesa farta através da qual foi mantida a tradição de sociabilidade libanesa e que facilitou a ampliação do círculo social pela inclusão dos brasileiros, aponta para mudanças interessantes em função do confronto com a diferença nos padrões de acolhimento dos brasileiros. Ela diz que se percebe ainda bem libanesa – sua casa sempre tem comida para uma eventual refeição não programada, e quando pergunta "você quer isso ou aquilo" o faz apenas por perguntar porque traz e serve tudo o que possui naquele momento. No entanto, disse que já não insiste e tenta não "sufocar a visita", pois quando foi ao Líbano de férias achou a fartura de comida exagerada e sentiu-se sufocada com a insistência para que ela comesse mais e mais.

Na casa de libanês a fartura e a qualidade da comida devem estar presentes e por isso a manutenção deste padrão tem uma importância especial; o trabalho e os gastos implícitos na tradição de servir uma grande variedade de pratos é compensado pelo fato de lhes conferir a notabilidade em que se fundamenta seu prestígio social.

Porém, estar no Brasil lhes proporcionou uma nova grade de significados e representações o que lhes permitiu uma simplificação, um abrandamento das imposições do ritual de convivialidade sem, no entanto, descaracterizar suas especificidades.

A lista de opções na culinária libanesa é realmente imensa e contempla uma diversificação ampla em seus elementos, propiciando uma alimentação saudável e completa. O aspecto mais interessante e que remete diretamente à hospitalidade é a tradição do *mezze*.

MEZZE: MANIFESTAÇÃO DA HOSPITALIDADE LIBANESA

Não se sabe ao certo seu local de origem, acredita-se que tenha surgido na Pérsia ou na Turquia e atravessado os Bálcãs. Pode ainda ter chegado ao Líbano através das inúmeras invasões que esse país sofreu ao longo de sua história.

Na Grécia o *mezze* também ocupa um lugar de destaque como mostra Diane Kochilas que descreve bem os rituais desse evento na cultura grega. “As palavras *meze*, *mezze*, *maza*, *meza* significam ‘no meio’, seja ao meio-dia, ou entre as refeições” (Kochilas, 2003, p.1).

De acordo com Holmin/Abbas (1997, p.7), um típico *mezze* é composto de vinte a quarenta pratos - inicialmente os pratos frios e depois os quentes. Esses mesmos autores dizem que seria um aperitivo antes da refeição principal, mas outros autores consideram o *mezze* como uma refeição por si só. No entanto, todos os autores concordam que o *mezze* tem um lugar de honra na alimentação libanesa porque além de ser um ritual para saborear e degustar a comida é ao mesmo tempo um ato de sociabilidade. O *mezze* dificilmente é degustado por uma pessoa sozinha porque um de seus objetivos é a convivialidade, seja para ‘jogar conversa fora’, seja para discutir pontos de vista; é uma forma de ‘relax’ sem hora para terminar.

Se o *mezze* ocorrer em lugar público (restaurantes, cafés), as pessoas até se sentam de forma a poder olhar as outras pessoas que passam pelo lugar, tudo sem *stress*, apenas prazer. Caso seja em ambiente

doméstico, o ritual proporciona horas de convivência do bom viver entre família, amigos e convidados. Destaca-se que, em geral, na esfera doméstica, é bem provável que a variedade de pratos seja menor, mas sempre conta com um bom número de saladas, verduras cruas e cozidas, legumes, *tahines* com grão de bico (*húmus*), berinjelas preparadas de várias formas, coalhada seca (*labné*, na consistência de um patê) e, também, coalhada como iogurte natural (*laben*) que geralmente acompanha pratos quentes, e muito mais.

Segundo Kochilas (2003) a disposição ou combinação especial não é o mais importante, o que conta é que seja provocante, colorido, variado para estimular o apetite, o prazer do entretenimento, do “papo” e também da degustação. Revela ainda que apesar de guardar semelhanças às *tapas* na Espanha ou antepasto na Itália, o *mezze* tem um significado diferente. “Não é a mesma coisa que um aperitivo que precede a refeição principal. A idéia da comida como pretexto de socialização é única para o mediterrâneo [...], especialmente na Grécia, Turquia, Líbano e outros” (Kochilas, 2003, p.1).

A culinária libanesa é considerada bem saudável. É composta em sua maior parte de vegetais e o importante é que os pratos, quase todos, são preparados com produtos frescos, do dia (Holmin e Abbas, 1997).

Em nosso estudo pudemos observar a permanência desse costume: as libanesas donas de casa mantinham a rotina de ir, diariamente, ao supermercado, ao hortifrutigranjeiro, ou à feira livre para adquirir frutas e verduras frescas.

No Líbano, “mesmo nas cidades grandes, ainda se compra frutas e verduras em pequenos produtores do mercado” (op. cit., p. 9) e nas cidades

pequenas ou aldeias, como são chamadas pelos próprios habitantes ou imigrantes, existe a figura do vendedor ambulante que passa de casa em casa vendendo verduras da estação.

Por haver invernos rigorosos no Líbano, existe o hábito de se estocar alimentos e produzir produtos em conserva, mas aqui no Brasil, mesmo sem o inverno rigoroso, manteve-se o costume de preparar conservas de nabos, pepinos, berinjelas, entre outras. Este costume traz vantagens e praticidade para a hospitalidade doméstica, pois permite que se recebam hóspedes sem convite antecipado. É o caso, por exemplo, de Leyla e Maya que possuem despensas repletas de alimentação estocada. Diz Leyla que compra os produtos de limpeza e higiene por atacado. Quanto aos produtos de alimentação a compra é diária, mantém um estoque de alimentos não perecíveis, conservas, e compra em grande quantidade verduras e frutas. Maya também mantém alimentos praticamente prontos e ela é capaz de, rapidamente, preparar um *mezze*.

Outro fato bem acentuado da hospitalidade na cultura libanesa, é que não se deve indagar se o visitante quer um café, um doce ou um salgado – o ritual do bem receber dos libaneses é trazer tudo o que possui naquele momento, se possível o que é adequado ao horário da visita e servir ao visitante o que ele quiser.

Uma jovem senhora libanesa, casada aqui no Brasil com um descendente de libanês, conta que um dia os amigos de seu marido foram assistir a um jogo em sua casa e ela perguntou: “Vamos tomar um café?”, e na mesma hora em que fez a pergunta ela pensou: “estou deixando de agir como uma libanesa, que vergonha!”

Registra-se aqui a experiência de uma das autoras, filha de imigrantes

libaneses, e orientada desde criança ao bem receber na hospitalidade libanesa. Quando uma visita chegava, mesmo que inesperadamente, sua mãe apenas dava o sinal com a cabeça e ela já sabia que era para levar o que tivesse, acompanhado de café, suco, água, refrigerante.

Em função disso, é comum que se mantenha sempre alimentos fáceis de servir a qualquer hora, como: *esfiha* de carne ou verdura, coalhada seca para comer com pão sírio, berinjela em conserva, azeitonas, *pistaches*, amêndoas e, também, algum doce típico como *mamul* (doce de semolina recheado de nozes com açúcar ou tâmaras) ou *graib* (feito com semolina e manteiga) que são práticos porque não precisam ser fritos ou assados. Ou ainda doces para serem fritos na hora: *ataif* (um pastel com massa de panqueca, recheado de queijo ou de nozes com açúcar e servido com uma calda de açúcar com um toque de laranja) e *smid halib* (um doce mais regionalizado, cuja tradução é semolina com leite, frito na manteiga e servido com a mesma calda do *ataif*). Tem-se, portanto, uma lista imensa de opções culinárias que contempla uma grande variedade de produtos.

O *mezze* pode ser mais simples ou mais elaborado. Os mais simples podem constar, apenas, por exemplo, de amêndoas, *pistaches*, amendoim ('nuts' em geral), azeitonas verdes e pretas, além das pastas de grão-de-bico (húmus) e de berinjela (*babaganuch*) e o pão árabe (pão redondo de abas finas, sem miolo). Esses produtos fazem parte das inúmeras opções de produtos adquiridos em empórios árabes e até em supermercados.

Os mais elaborados envolvem carnes, peixes, frangos e algumas saladas cujo preparo é mais trabalhoso, como o *tabule* que requer o corte

pequeno e homogêneo de tomates, salsa, cebolinha, além do preparo antecipado do trigo (que se deve deixar de molho e depois secar apertando com as mãos), etc.

Os pratos da culinária libanesa são, originalmente, preparados de forma artesanal, no entanto, nos dias atuais, muitas mulheres libanesas abreviam algumas etapas para facilitar o preparo dos pratos. Leyla, Maya e Suad agora pedem a carne do *kibe* cru preparada e passada na primeira moagem. Já na versão original, o *kibe* cru é preparado inteiramente em casa – a carne é limpa, cortada em pedaços grandes para o início da moagem.

Pela importância do *mezze*, entrevistamos, também, uma chefe de cozinha com 'expertise' no assunto, a Sra. Leila Youssef Kuczinsky, proprietária do restaurante Arábia em São Paulo, considerado um dos melhores do Brasil e autora do livro "Líbano, Impressões e Culinária".

O primeiro contato com a entrevistada foi uma verdadeira confirmação do estilo da hospitalidade libanesa. Antes de iniciarmos a entrevista, ofereceu delícias de seu restaurante pois ela tem o hábito de dividir a mesa celebrando a nova amizade. Ofereceu, também, generosamente, seu tempo precioso, informações e material bibliográfico.

No seu depoimento narrou que, quando criança, sempre se encantava com a habilidade da mãe em transformar, o que parecia poucas coisas guardadas na geladeira ou na despensa, em uma magnífica refeição. Tudo era arranjado em pequenos pratinhos numa composição que não dava impressão de improvisação mas sim de uma refeição especial para os "convidados" inesperados. Para ela ver sua mãe tirando da geladeira alimentos e ir compondo em várias tigelinhas e pratos variados, coloridos, apetitosos,

era um verdadeiro encantamento.

Nas palavras de Leila Y. Kuczinsky, "o hábito de fazer visitas inesperadas é o pretexto ideal para o *mezze*". Isso confirma o que se ouve dizer da hospitalidade libanesa – 'portas abertas até para receber estranhos'.

Mas procurou-se verificar se este hábito de receber a qualquer hora e a qualquer tempo ainda era possível e ainda praticado em São Paulo nos dias atuais.

Registre-se a posição do entrevistado Camilo. Ele disse que, atualmente, não pode ir na casa de seu tio ou tia sem os avisar, sem marcar um horário e acrescentou que hoje existe muita cerimônia até entre as pessoas mais próximas. Evidentemente, este fato pode estar associado às conseqüências da modernidade, à falta de tempo, que acaba por modificar os relacionamentos e o próprio estilo de hospitalidade.

Neste sentido, uma das autoras vivencia experiências opostas. Quando telefona para suas tias libanesas mais velhas para verificar a possibilidade de uma visita, sua atitude as enerva, pois bradam irritadas "*yaibichum*"! (que vergonha!), a casa está sempre aberta, venha quando quiser, sem avisar. Difere um pouco de quando se faz visitas a primas, descendentes de libaneses, pois costuma-se agendar conforme a disponibilidade do anfitrião e do visitante, assinalando, assim, mudanças na hospitalidade na geração mais nova.

A maior parte dos depoentes afirma haver necessidade de agendar visitas, compromissos, por mais simples que sejam. Leyla é uma exceção, sua casa está sempre aberta, sempre hospitaleira. Maya, igualmente hospitaleira, sua recepção é agendada.

O próprio sentido da comensalidade na vida moderna tem se alterado, conforme a opinião da Prof. Maria Lucena Rovalletti - aula magna

na Unicamp em 2005 (Cruz, 2006).

A modernidade impôs um ritmo de vida que afasta o homem do convívio familiar e social. Muitas vezes, por falta de tempo, a pessoa recorre ao telefone e pede uma pizza. Não existe mais aquela relação afetiva com o alimento, ou seja, não se prepara o alimento para comer com as outras pessoas.

No entanto, mesmo com as alterações decorrentes das mudanças no estilo de vida, a comensalidade ainda desempenha um papel fundamental na sociabilidade do grupo. Numa entrevista para a revista Claudia (Zaidan, 2006), Leila Y. Kuczinsky afirma que a comida e a bebida podem trazer um ambiente propício ao perdão, desarmam as pessoas. É interessante como este tema vem sendo explorado tanto em filmes como em relacionamentos comerciais, pessoais, entre outros, colocando em relevo o fato de ser inebriado, hipnotizado, distraído, acariciado com o prazer de alimentar.

Suad, entre outras entrevistadas, disse que as mães libanesas usam a elaboração da comida como símbolo da manifestação e transmissão de seu amor e seu afeto, como também de poder, ou seja, a comida sendo um passaporte para as conquistas e para a manutenção dos vínculos afetivos.

Geralmente os filhos têm uma preferência pela comida de sua mãe, levando ao provérbio popular “agarre o homem pelo estômago”. Na cultura árabe é de se esperar que a mulher saiba cozinhar, independentemente do nível sócio-econômico da família. A mulher tem seu reino na cozinha.

Na mesma entrevista, Leila Y. Kuczinsky narra outro costume libanês – o de “trocar pratinhos por cima do muro”

Quem não teve um vizinho árabe

que ofereceu *esfihas*? Ao chegar, o imigrante logo tratava de mostrar camaradagem e compartilhava o que tinha de melhor. Acho que isso faz falta nas cidades grandes. Mesmo morando em São Paulo, procuro trocar pratinhos com meus vizinhos. Para o antropólogo português, Alfredo Margarido, ‘a comida é também a última forma de resistência de um imigrante. As gerações que o sucedem deixam de falar a língua, mas não esquecem a culinária’.

Na avaliação da hospitalidade libanesa é importante considerar o significado das palavras. Por exemplo, ao invés de se falar por favor, estejam servidos, se diz ‘*tafadalo*’ que significa ‘me dêem a honra’, que ao mesmo tempo é considerado um oferecimento e um convite. Quando vocês se unirem a mim nessa mesa, estão me dando a honra de mostrar a generosidade de uma mesa árabe” (Bsisu, 2005, p.1).

O *mezze* se destaca por transmitir uma tradição libanesa, acrescentando-se ainda que esse evento se faz acompanhar do *arak*, uma bebida de preferência nacional libanesa no acompanhamento do *mezze*. Tem sabor de anis, feita de uvas brancas doces, assemelha-se ao *ouzo*, uma bebida grega preparada através da combinação de uvas prensadas, ervas e ‘*berries*’. No entanto, a cerveja e o vinho também podem ser adotados.

Zahle, cidade libanesa localizada na vale do Bekaa, grande produtora de vinhos, de *arak*, de *maiwarard* (água de rosas) e outras bebidas, é “considerada a melhor produtora de *arak* e a pátria do *mezze*” (Anthony, 2005, p.26), apesar de não ser, historicamente, o seu local originário. Acredita-se que pela razão de Zahle ter incorporado essa tradição com força e persistência, acabou por ser considerada sua pátria. É um dito

popular na comunidade libanesa que parece que todos os emigrantes de Zahle vieram para São Paulo e que talvez seja por isso que o *mezze* se fez parte importante da reprodução da hospitalidade na nova terra, tanto na esfera doméstica, quanto na comercial.

O *mezze* [...] é representante do estado de espírito do Líbano e de uma certa arte de viver na qual a gente aproveita o tempo e a convivência social com os amigos revela uma importância primordial (Hachete, 2004, p.5). Em entrevista com um outro proprietário de restaurante árabe pudemos confirmar mais uma vez a popularidade do *mezze* também junto aos brasileiros.

O fornecimento da matéria-prima importada pelos empórios libaneses facilita a reprodução da culinária libanesa e, quando essas matérias-primas não são encontradas, ou se tornam inviáveis pelo alto custo, ou não são adequadas para o clima brasileiro, são substituídas com criatividade, como por exemplo, a carne de carneiro pela carne bovina na produção do *kibe* e a substituição do *pistache* pelas nozes ou até castanha do caju na sobremesa “*baklawa*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura libanesa apresenta-se mesclada de situações de hospitalidade nas quais a alimentação tem um papel fundamental. “Pode-se considerar a hospitalidade doméstica então, como o acolhimento, o bem receber, o hospedar e o servir. A hospitalidade, portanto, não consiste em dar um espaço ao outro, mas receber o outro no seu espaço” (Godbout, 1997, p.9).

Considera-se que a migração pressupõe mecanismos de adaptação na nova região ou novo país e que,

conseqüentemente, os padrões sócio-culturais são recriados e modificados. Assim, o ponto central deste artigo foi apontar a comensalidade como um fator que pesou na adaptação dos imigrantes libaneses em São Paulo.

As interações sociais constituem a trama das relações sociais. A impregnação nesses códigos de interação social é onipresente na vida das pessoas. Esta é a razão das dificuldades e obstáculos que devem ser transpostos numa situação de contato entre culturas diferentes e, especialmente, no caso desse grupo que se viu forçado a abandonar os seus costumes, os seus amigos. Nos depoimentos colhidos houve uma acentuada concordância em afirmar que as dificuldades e os problemas de adaptação foram minimizados porque mantiveram seus padrões de hospitalidade e, principalmente, porque esses padrões se beneficiaram com o contato na nova terra por terem se libertado dos exageros e no abrandamento da pressão social no cumprimento de certos padrões de sociabilidade.

Além disso, essa hospitalidade também foi um fator de integração com a sociedade receptora, pois há um consenso de que a comensalidade é uma forma privilegiada de iniciar e manter relações entre as pessoas. Nosso estudo confirma a observação de Michel Maffesoli (2002, p.135) de que “na atualidade a refeição, a ‘comida’ e a festa parecem indicar uma imperiosa necessidade de reencontrar uma sociabilidade básica: são indícios de uma troca simbólica que tenta escapar da dominação do poder ou dos diversos ‘dever-ser’”.

Conclui-se, assim, que a hospitalidade libanesa vem sendo reproduzida no Brasil, mas, evidentemente, não exatamente da mesma forma que no Líbano. Algumas alterações foram

introduzidas no decorrer do tempo devido a diversos fatores, dentre eles, o contato com os padrões brasileiros, a diferença do ritmo de vida no Oriente e no Ocidente, as distâncias geográficas e a disponibilidade de tempo em uma metrópole como São Paulo. Além disso, o estilo de vida e os valores se alteraram ao longo do tempo influenciados pela modernidade e pela globalização. O principal é que os depoimentos confirmaram o papel vital da hospitalidade na formação e manutenção da sociabilidade.

Ahla wa sahla !
Seja bem vindo!

* **Dolly Khouri é Mestre em Hospitalidade - Universidade Anhembi Morumbi.**

** **Marielys Siqueira Bueno é Docente do Mestrado em Hospitalidade - Universidade Anhembi Morumbi.**

NOTA

1 - Os entrevistados não tiveram suas identidades reveladas porque alguns deles assim o preferiram, opção escolhida a todos; os nomes (Camilo, Leyla, Maya, Nour e Suad) são fictícios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTHONY, Dawn; ANTHONY, Elaine; ANTHONY, Selwa
(2005) *The Lebanese Cookbook*. USA: Apple Press.

BAPTISTA, Isabel
(2002) “Lugares de Hospitalidade”. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. Barueri, Manole.

BOUTAUD, Jean Jacques
(2004) “Commensalité. Lê partage de la table”. In: MONTANDON, Alain (dir.) *Le livre de l'hospitalité*. France, Bayard.

BSISU, May

(2002) *The Arab table. Recipes and culinary traditions*. USA, Harper.

CRUZ, Maria Alice da
(2006) *Comensalidade*. Disponível em: www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/BDNUH/NUH_4399.html. Acesso em 11 de setembro.

GODBOUT, Jacques T.
(1997) “Recevoir, c'est donner”. In: *Communications, L'Hospitalité*, nº 65, Paris, Ed. Seuil.

GOTMAN, Anne
(2001) *Le sens de l'hospitalité. Essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre*. 1ª ed. - Paris, PUF.

HACHETTE PETIS PRATIQUES
(2004) *L'Art Culinaire, Tout un Art de Vivre*. Paris, Hachette Press.

HOLMIN, Dalal A. e ABBAS, Maher A.
(1997) *From the table of Lebanon*. New York, Book Publishing Company.

KOCHILAS, Diane
(2003) *Meze: Small Plates to Savor and Share from the Mediterranean Table*. Harper Collins Publishers Inc, New York.

KUCZYNSKI, Leila M. Youssef
(1994) *Líbano: Impressões e Culinárias*. São Paulo, Empresa das Artes.

MAFFESOLLI, Michel
(2002) “Mesa, Espaço de Comunicação”. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. Barueri, Manole.

SCHEMEIL, Yves
(2004) “Banquets publics”. In: MONTANDON, Alain (dir.) *Le livre de l'hospitalité*. France, Bayard.

ZAIDAN, Patrícia
(2006) *Dos afagos que um ser humano pode fazer a outro, dar de comer é o mais genuíno*. Disponível em: <http://claudia.abril.com.br/edicoes/527/fechado/atualidades>. Acesso em 19 de setembro.

SEJA UM COLABORADOR

Travessia está aberta à publicação de artigos de pesquisadores e estudiosos que analisam a realidade em que o migrante está envolvido, a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, cultural, econômico, antropológico, educacional, etc. A revista destina-se, fundamentalmente, a um público intermediário; quer ser uma ponte entre a produção acadêmica e a produção popular. Se for do seu interesse, envie artigos para a redação, seguindo as orientações abaixo elencadas:

- * Você irá escrever para uma revista e não para uma banca da academia, por isso, aproveite os conteúdos de suas pesquisas, mas seja criativo(a) na forma de apresentá-los. No título, por exemplo, não resuma sua tese, desperte a curiosidade do leitor.
- * De preferência, artigos que se enquadrem dentro dos temas previamente anunciados, conforme consta ao lado;
- * Tamanho: aproximadamente 350 linhas, fonte Times New Roman, corpo 12;
- * Intercalar o texto com alguns intertítulos;
- * Clareza de linguagem e simplificação dos conceitos;
- * Se possível, enviar algumas fotos em papel, com os respectivos créditos (posteriormente serão devolvidas); se digitalizadas, só em CD com resolução de 300 dpi.
- * Os artigos devem ser inéditos;
- * Fazer constar breve identificação do autor, endereços postal e eletrônico e telefone;
- * Notas: utilizar apenas nos casos em que o texto requer alguma explicação relevante; não utilize nota no título e no nome do autor; referência bibliográfica não é nota;
- * Referências: devem constar no interior do texto, entre parênteses, com o nome, ano e quando específicas, a página. Ex.: (Silva, 1996: p.3);
- * Bibliografia - Ater-se à referida no texto, seguindo o padrão abaixo:
 - a) Livros: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo em itálico; local da publicação; nome da editora. Exemplo: FERNANDES, Florestan (1977) *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis, Vozes.
 - b) Artigos: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo entre aspas; nome do periódico em itálico; volume (se houver) e nº; mês(es); nº da página. Exemplo: SARTI, Cynthia Andersen (1995) "São os Migrantes Tradicionais?". *Travessia-Revista do Migrante*, nº 23, setembro-dezembro, p.11.

NB: Por tratar-se de artigos breves, pede-se utilizar os recursos acima com parcimônia.

O autor de artigo publicado receberá dez exemplares do nº.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de submeter os artigos à sua apreciação.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

**TRAVESSIA
Nº 59**

**FILHOS DA
MIGRAÇÃO**

(Set-Dez/07)

**Prazo para envio
de artigos
(30/07/07)**

**TRAVESSIA
Nº 60**

**PERDAS &
AUSÊNCIAS**

(Jan-Abr/08)

**Prazo para envio
de artigos
(30/11/07)**

**TRAVESSIA
Nº 61**

**MIGRANTES
TEMPORÁRIOS**

(Mai-Ago/08)

**Prazo para envio
de artigos
(30/03/08)**

ESPAÇO ABERTO À DIVULGAÇÃO DE LIVROS DOADOS À BIBLIOTECA DO CEM, ESPECIALIZADA EM MIGRAÇÕES



UNDICESIMO RAPPORTO SULLE MIGRAZIONI 2005

Fondazione ISMU

A Fundação ISMU (Iniziativa e Studi sulla Multiethnicità), sob a coordenação de Vincenzo Cesareo, reuniu neste livro uma série de estudos que oferecem um panorama atual do que vem ocorrendo na Itália em termos de mobilidade humana. O texto inicial versa sobre a crise dos modelos tradicionais de integração. Os demais agrupam-se em torno dos quatro seguintes eixos: a) Um quadro geral do que ocorre hoje em termos migratórios; b) As principais áreas de atenção requeridas pelos imigrantes: trabalho, educação, saúde, moradia, etc.; c) Algumas reflexões em torno de temáticas específicas, tais como: acolhida, família, islamismo; d) Por fim, textos enfocando o cenário internacional. Maiores informações podem ser obtidas em: www.ismu.org

VOCI DI FAMIGLIE IMMIGRATE

Antonio Marazzi (org.)

Este volume é dedicado à família imigrante, a qual, na variedade das suas origens étnicas, está se somando ao complexo mosaico da atual sociedade italiana. Ao focar, não apenas os indivíduos migrantes, mas o núcleo familiar e as suas relações, quer no seu âmbito interno, quanto externo, os autores tiveram a possibilidade de trazer à tona vários aspectos envolvendo o fenômeno migratório que ainda não eram tão conhecidos. Os textos são fruto de longa pesquisa que teve como preocupação primeira dar voz aos vários componentes familiares e, dessa forma, trazer à luz as opiniões, vivências, expectativas e sonhos dos mesmos.

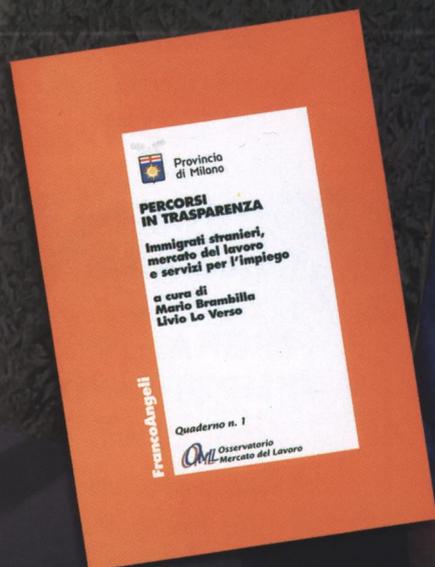


PERCORSI IN TRASPARENZA

Immigrati Stranieri, Mercato del Lavoro e Servizi per L'impiego

Mario Brambilla e Livio Lo Verso (orgs.)

Trata-se de um primeiro Caderno de uma série; neste, a preocupação recai sobre os trabalhadores imigrantes frente ao mercado de trabalho, especificamente na região de Milão. Uma vez consolidada a presença de imigrantes, é preciso oferecer reflexões que apontem para a ação. Neste sentido, o Caderno vale-se das informações e da experiência adquirida pelos Centros voltados para o Emprego existentes na Província de Milão, seja em termos de dados disponíveis, seja das experiências piloto em curso voltadas para a inserção dos trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho. Este aspecto, central no processo de integração, diante do quadro atual de um mercado de trabalho cada vez mais flexível e instável para os próprios naturais, exige políticas públicas voltadas sim para o trabalho dos imigrantes, mas que incorporem também a preocupação com a integração social, ou seja, condições de moradia, assistência à saúde, à educação, etc.



TRAVESSIA
revista do migrante

www.cemsp.com.br